

UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ
Selma Leite de Carvalho

**O PAPEL DA ESPIRITUALIDADE E DOS RECURSOS
ESPIRITUAIS DE FAMÍLIAS NO ENFRENTAMENTO DAS
DIFERENTES ADVERSIDADES**

Taubaté – SP
2021

Selma Leite de Carvalho

**O PAPEL DA ESPIRITUALIDADE E DOS RECURSOS
ESPIRITUAIS DE FAMÍLIAS NO ENFRENTAMENTO DAS
DIFERENTES ADVERSIDADES**

Monografia apresentada para a obtenção do
Certificado de Especialização em Intervenção
Familiar: Psicoterapia e Orientação.

Área de Concentração: Orientação Familiar.

Orientadora: Profa. Dra. Wanda Rogéria
Campos Lima Assis.

Taubaté – SP

2021

Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBi
Grupo Especial de Tratamento da Informação – GETI
Universidade de Taubaté - UNITAU

C331p Carvalho, Selma Leite de
O papel da espiritualidade e dos recursos espirituais de famílias no enfrentamento das diferentes adversidades / Selma Leite de Carvalho. – 2021.
83 f. : il.

Monografia (especialização) – Universidade de Taubaté, Departamento Pesquisa e Pós-graduação, 2021.

Orientação: Profa. Dra. Wanda Rogéria Campos Lima, Departamento de Ciências Sociais e Letras.

1. Teoria sistêmica. 2. Família. 3. Família sistêmica. 4. Espiritualidade. I. Universidade de Taubaté. Departamento Pesquisa e Pós-graduação. Especialização em Intervenção Familiar: Psicoterapia e Orientação. II. Título.

CDD – 158.24

Selma Leite de Carvalho

O papel da espiritualidade e dos recursos espirituais de famílias no enfrentamento das diferentes adversidades

Monografia apresentada para a obtenção do Certificado de Especialização pelo Curso de Intervenção Familiar: Psicoterapia e Orientação do Departamento de Psicologia da Universidade de Taubaté.

Área de Concentração: Orientação Familiar.

Data: ___/___/2021

Resultado: _____

BANCA EXAMINADORA

Prof(a). Dr(a). _____ Universidade de Taubaté

Assinatura: _____

Prof(a). Dr(a). _____

Assinatura: _____

Prof(a). Dr(a). _____

Assinatura: _____

Prof(a). Dr(a). _____

Assinatura: _____

Prof(a). Dr(a). _____

Assinatura: _____

Dedico este trabalho à minha família, pela capacidade de acreditar em mim e me dar o suporte necessário durante o período de desenvolvimento.

Em especial, ao Anselmo, com quem amo partilhar a vida, é o meu porto seguro no qual me refúgio para avançar nas etapas da vida. Obrigada, por me proporcionar a tranquilidade necessária na correria de cada semestre.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à professora Doutora Andreza Maria Neves Manfredini Tobias, Coordenadora do Curso de Especialização em Intervenção Familiar: Psicoterapia e Orientação, pelo convívio e pela paixão que me contagiou para a realização deste estudo.

À professora Doutora Wanda Rogéria Campos Lima Assis, pela paciência na orientação e incentivo para tornar possível a conclusão desta monografia.

A todos os mestres que foram tão importantes, cada um na sua singularidade, ajudando-me na formação integral.

Agradeço a todas as pessoas que, voluntariamente, participaram deste trabalho respondendo ao questionário proposto. Obrigada por enriquecer meu processo de aprendizagem.

A família não nasce pronta; constrói-se aos poucos e é o melhor laboratório do amor.

Em casa, entre pai e filhos, pode-se aprender a amar, ter respeito, fé, solidariedade, companheirismo e outros sentimentos.

Luís Fernando Veríssimo.

RESUMO

A instituição família é a base da sociedade, tendo em vista ser um sistema complexo e um espaço indispensável para o aprendizado. Por isso, o objetivo deste trabalho é compreender o papel da espiritualidade e dos recursos espirituais que as famílias utilizam para o enfrentamento das diferentes adversidades, principalmente durante as pandemias. Trata-se de uma pesquisa descritiva com caráter qualitativo quantitativo. A amostra intencional foi conformada por famílias que vivem no Estado de São Paulo, em diferentes fases do ciclo vital. Recorreram-se às bases conceituais para a fundamentação teórica e para categorização dos propósitos deste estudo que envolve a compreensão e o significado do fenômeno, permitindo um olhar integrado às famílias que vivenciam diferentes contextos. Os resultados indicaram que a mudança de rotina recorrente do afastamento social são cicatrizes que a pandemia COVID-19 deixou marcada historicamente. Diante do contexto de uma família em que a identidade humana é formada, a sociedade gera os desafios para que se ultrapasse fronteiras e se busquem dados para conhecer as diversidades que envolvem esse sistema tão complexo e rico de possibilidades. De modo geral, se conclui que as paredes são frias, sem vida e sem conexões, mas o lar aquece, ajusta e projeta para os desafios.

Palavras-chave: Teoria sistêmica. Família. Família Sistêmica. Espiritualidade.

ABSTRACT

The institution of the family is the base of society, as it is a complex system and an indispensable space for learning. Therefore, the objective of this work is to understand the role of spirituality and spiritual resources that families use to face different adversities, especially during pandemics. This is a descriptive research with a qualitative and quantitative character. The intentional sample was made up of families living in the State of São Paulo, at different stages of the life cycle. The conceptual bases were used for the theoretical foundation and for categorizing the purposes of this study, which involves understanding and the meaning of the phenomenon, allowing an integrated look at families who experience different contexts. The results indicated that the recurrent routine change of social withdrawal are scars that the pandemic COVID-19 left historically market. Faced with the context of a family in which human identity is formed, society generate the challenges to go beyond borders and seek data to know the adversities that involves this system, which is so complex and rich in possibilities. In general, it is concluded that the walls are cold, life less and without connections, but the home warms, adjusts and projects from the challenges.

Key words: *Sistemic Family. Family. Systemic Family. Spirituality.*

LISTA DE GRÁFICOS

| | |
|--|----|
| GRÁFICO 1: Distribuição das famílias da amostra inicial por estado civil..... | 43 |
| GRÁFICO 2: Distribuição das famílias da amostra inicial por número de membros da família que vive na mesma residência..... | 45 |
| GRÁFICO 3: Distribuição das famílias da amostra inicial por parente que vive na mesma residência..... | 46 |
| GRÁFICO 4: Distribuição das famílias da amostra inicial por faixa etária dos membros da família..... | 47 |
| GRÁFICO 5: Distribuição das famílias da amostra inicial por cidade de residência..... | 48 |
| GRÁFICO 6: Distribuição das famílias amostradas do Estado de São Paulo por cidade de residência..... | 49 |
| GRÁFICO 7: Percepção familiar referente à relevância de compartilhamento de valores..... | 50 |
| GRÁFICO 8: Percepção familiar referente à valorização da espiritualidade..... | 53 |
| GRÁFICO 9: Percepção familiar referente à frequência em atos religiosos..... | 55 |
| GRÁFICO 10: Percepção familiar referente à experiência de distanciamento social..... | 59 |

LISTA DE QUADROS

| | |
|--|----|
| QUADRO 1: Pressupostos da Ciência Novo-paradigmática..... | 28 |
| QUADRO 2: Classificação dos estilos familiares por autoridade..... | 27 |
| QUADRO 3: Classificação das mudanças da Teoria Sistêmica..... | 28 |
| QUADRO 4: Classificação da família por Bell..... | 29 |
| QUADRO 5: Classificação da família por Poster..... | 30 |
| QUADRO 6: Eixos do contexto familiar..... | 30 |
| QUADRO 7: Ciclo de vida da família..... | 31 |

LISTA DE TABELA

TABELA 1: Percepção familiar referente às redes de apoio durante a pandemia...64

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

| | |
|---------------|--|
| 3D | Tridimensional. |
| Abr. | Abril. |
| Ago. | Agosto. |
| ArtMed | Artes Médicas. |
| ASCES | Repositório Digital do Centro Universitário Tabosa de Almeida. |
| CEP | Comitê de Ética em Pesquisa. |
| Dez. | Dezembro. |
| DNA | <i>Deoxyribonucleic Acid.</i> |
| F | Família. |
| FE | Família Extensa. |
| Fev. | Fevereiro. |
| FN | Família Nuclear. |
| FO | Família de Origem. |
| IBGE | Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. |
| IDGM | Desafios da Gestão Municipal. |
| Jul. | Julho. |
| Mar. | Março. |
| N | Número absoluto. |
| Org. | Organizador. |
| PUC-SP | Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. |
| RAE | Revista de Administração de Empresas. |
| RECOM | Revista de Enfermagem do Centro Oeste Mineiro. |
| RA | Resposta Aberta |
| RF | Resposta Fechada. |
| RM | Resposta Múltipla. |
| RSA | Resposta Semiaberta. |
| RU | Resposta Única. |
| TGS | Teoria Geral dos Sistemas. |
| UFPE | Universidade Federal de Pernambuco. |
| UniTau | Universidade de Taubaté. |
| v. | Volume. |

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| 1 INTRODUÇÃO | 16 |
| 1.1 PROBLEMA..... | 17 |
| 1.2 OBJETIVOS..... | 17 |
| 1.2.1 Objetivo Geral..... | 17 |
| 1.2.2 Objetivos Específicos..... | 17 |
| 1.3 DELIMITAÇÃO DO ESTUDO..... | 17 |
| 1.4 RELEVÂNCIA E PERTINÊNCIA DO TEMA ESTUDADO..... | 17 |
| 1.5 ORGANIZAÇÃO DO ESTUDO..... | 19 |
| 2 REVISÃO DA LITERATURA | 20 |
| 2.1 TEORIA SISTÊMICA..... | 21 |
| 2.2 FAMÍLIA..... | 27 |
| 2.3 A FAMÍLIA COMO UM SISTEMA..... | 32 |
| 2.4 ESPIRITUALIDADE..... | 36 |
| 3 MÉTODO | 39 |
| 3.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA..... | 39 |
| 3.2 OS PARTICIPANTES..... | 39 |
| 3.3 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS..... | 40 |
| 3.4 COLETA DE DADOS..... | 40 |
| 3.5 ASPECTOS ÉTICOS..... | 41 |
| 3.6 ANÁLISE DOS DADOS..... | 41 |
| 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO | 42 |
| 4.1 PERFIL SOCIOECONÔMICO FAMILIAR..... | 42 |
| 4.2 VOCÊ, FAMÍLIA E VALORES..... | 49 |

| | |
|--|-----------|
| 4.3 NOVA VIDA EM CASA COMO REFÚGIO OU CAMPO DE BATALHA..... | 58 |
| 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 70 |
| REFERÊNCIAS..... | 72 |
| GLOSSÁRIO..... | 77 |
| APÊNDICE A – Questionário..... | 78 |
| ANEXO A – Protocolo de Submissão do Projeto de Pesquisa na Plataforma Brasil. | 81 |
| ANEXO B – Parecer Favorável do Comitê de Ética em Pesquisa Via Plataforma Brasil..... | 82 |

1. INTRODUÇÃO

Na contemporaneidade se discute muito sobre a complexidade, haja vista que nada é simples ou simplificado. Com isso, quando se pensa na complexidade, se remete ao sistema familiar, pois são diversos tipos e possibilidades abordadas no âmbito familiar.

As ciências, muitas vezes, parecem não conseguir responder a tanta complexidade, é preciso desenvolver a sensibilidade do olhar dos cuidadores e das pessoas com solicitude e boa vontade de estar com o outro no cotidiano, antes de teorizar e usar as técnicas.

De essa maneira, é sempre desafiante abordar sobre a instituição família, tendo em vista que toma proporções volumosas. Esse universo complexo abrange diferentes leituras acerca de temáticas, como: intergeracionalidade; comunicação; relacionamentos; mitos; rituais; crenças; valores; redes sociais; condições socioeconômicas; segredos; resiliência; afetividade; e espiritualidade, as quais já foram estudadas e citadas por diferentes áreas do conhecimento. Mesmo assim, não se esgotam as possibilidades e as variáveis para analisar o universo família que é dinâmico e intenso, se transformando constantemente.

Não é uma mistura, mas uma integração de significados de temáticas já tratadas por muitos pesquisadores que geraram inúmeras experiências relatadas, o que torna a instituição família um tema ainda pertinente e atemporal ainda mais para a profissão de Assistente Social. Assim, a escolha pelo tema desafiante é recorrente da prática profissional e da vida pessoal da pesquisadora, desde um conhecimento empírico, específico e aprofundado. Por isso, salienta-se que estar em meio a encontros e relações é algo responsável e consciente do que se constrói.

Há pluralidades e singularidades de experiências familiares que surgem de diferentes contextos e situações condizentes a grandes desafios para se agir como interventores familiares.

A família possui um emaranhado de vínculos, laços e antepassados, num movimento harmônico em que se vive, cresce, multiplica e morre, formando essa complexidade que tanto alimenta o ser humano de afetos, informações e conhecimento. O que surge é sempre desafiador.

1.1 PROBLEMA

Com isso, se questiona: Qual o papel da espiritualidade nas famílias que vivenciam diferentes adversidades?

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 OBJETIVO GERAL

Mediante o problema plantado, se definiu como objetivo geral: Compreender como as famílias utilizam a espiritualidade no enfrentamento das diferentes adversidades.

1.2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

A fim de se atingir o objetivo geral, se elaboraram três objetivos específicos:

- Caracterizar as principais adversidades vividas pelas famílias;
- Verificar como o contexto da comunidade influencia no enfrentamento das adversidades;
- Identificar e compreender de que forma e em que momento, a espiritualidade atua nessa família.

1.3 DELIMITAÇÃO DO ESTUDO

Nesse sentido, este estudo se delimita geograficamente às famílias que vivem no Estado de São Paulo, em diferentes contextos e fases do ciclo vital, bem como o olhar frente às adversidades, focando na espiritualidade ou nos recursos espirituais, para poder auxiliá-las com o olhar investigativo e integrado desses estudos.

1.4 RELEVÂNCIA E PERTINÊNCIA DO TEMA ESTUDADO

Esse tema é relevante porque a família é um espaço indispensável para o aprendizado e o desenvolvimento, sendo considerada de complexo entendimento. A família passa rotineiramente por várias mudanças, haja vista que um sistema aberto e em transformação, promove experiências em várias etapas ao longo do ciclo vital. Estudar os diferentes contextos familiares, proporciona condições para o

desenvolvimento da compreensão, favorecendo uma intervenção da Assistência Social mais efetiva, eficaz e responsiva.

Além disso, o fator motivacional para a escolha do tema da monografia foi a partir da aula da professora Wanda Assis intitulada **Famílias em diferentes contextos** que aconteceu no dia 25 de outubro de 2019. Enquanto a professora ministrava a aula, surgiu a inspiração. Assim, a cada explicação, a investigadora tinha mais convicção já que teria se identificado com a temática abordada. A investigadora chegou a anotar no caderno **Tema da Monografia**.

Ademais, desde o início de 2020, o mundo passa por adversidades com experiências inéditas no âmbito social e familiar, experienciando o confinamento desde o distanciamento social sem precedentes devido a pandemia recorrente do **COVID-19**¹, um vírus que adentrou aos corpos, afetou os seres humanos e alterou os hábitos nos lares, houve aumento em busca religiosa ou da espiritualidade, bem como do sistema de saúde, mudando a forma de convívio e relacionamento.

Concomitantemente, essa pesquisa constata as diferentes realidades enfrentadas pelas famílias no dia a dia e os recursos utilizados para esse enfrentamento e superação. Enfim, essa abordagem traz uma percepção do quanto a religião e/ou espiritualidade fazem parte dos valores que permeiam e constituem uma família, estendendo para uma comunidade.

Nessa perspectiva, define-se essa pesquisa como uma realidade a ser explorada no qual o resultado permite a construção de um mapa ou desenho para direcionar futuros estudos com maiores entendimentos, tendo em vista que o tempo não para e as mudanças nesse contexto familiar são reais, contínuas e intensas. Com todo, esse trabalho possibilitou acompanhar nesse tempo, algumas mudanças ocorridas.

Portanto, o tema da monografia se torna pertinente a ser estudado na Especialização em **Intervenção Familiar: Psicoterapia e Orientação**, uma vez que na Assistência Social se trabalha com os dilemas familiares, principalmente, recorrentes das adversidades. Ainda mais, sem conhecer o contexto das famílias, a intervenção e a orientação do Assistente Social, que devem ser fundamentadas na

¹ Os **coronavírus** são uma grande família viral, conhecidos desde a década de 1960 que afeta, principalmente, a capacidade pulmonar. A enfermidade foi nomeada como COVID-19 porque **Co** significa **corona**, **Vi** é proveniente de **vírus** e **D** representa doença. O número 19 indica o ano da aparição que foi em 2019 (RAMOS *et al.*, 2021).

resiliência, não resultam positivamente se o profissional não reconhecer o sistema com as características endógenas e exógenas, a fim de promover os direitos assegurados pelo art. 226 da Constituição Federal de 1988, conforme publicado pela Câmara Federal (2021).

1.5 ORGANIZAÇÃO DO ESTUDO

A monografia foi estruturada em cinco seções. Na **Introdução**, seção 1, se apresenta o tema de maneira geral, se planta o problema investigado, se definem os objetivos do estudo, o delimita e, por fim, se declara tanto a relevância como a pertinência do tema. Nesse sentido, responde às questões básicas: O que se pretende com o estudo? Por que se desenvolveu a monografia sobre o tema delimitado?

Em seguida, na **Revisão da Literatura**, seção 2, se realiza a fundamentação teórica sobre as quatro variáveis configuradas em subseções: 2.1 Teoria Sistêmica; 2.2 Família; 2.3 A Família como um Sistema; e 2.4 Espiritualidade. É realizado um breve ensaio com ponderações com os principais pensadores sobre o tema da monografia para que ofereça sustentação teórica à discussão dos resultados obtidos.

Enquanto, no **Método**, seção 3, se respondem às principais perguntas da investigação: Como foi desenvolvido tanto a fundamentação teórica como a coleta de dados? Onde se coletou os dados? Quem participou da pesquisa? Quando ocorreu a coleta de dados? Qual tipo e caráter da pesquisa? Quais métodos de abordagem e procedimento? Qual o tipo de amostragem? Como se trataram os dados e os apresentaram?

Adiante, nos **Resultados e Discussão**, seção 4, como o próprio título expõe, são apresentados os dados qualiquantitativos de maneira a responder aos objetivos específicos e respectivamente os analisa à luz das bases teóricas que fundamentaram a pesquisa e mediante os resultados de publicações científicas condizentes a temática desta monografia.

E finalmente, nas **Considerações Finais**, seção 5, se responde ao objetivo geral e se realizam sugestões aos pesquisadores, aos Assistentes Sociais e às famílias.

2. REVISÃO DA LITERATURA

O pensamento sistêmico está no paradigma da ciência contemporânea, o mesmo pensamento que bloqueia é o mesmo que liberta. Quando se muda o pensamento, se altera a postura, os paradigmas e o estilo de vida. Por isso, é necessário um olhar mais amplo quando se trata de família como o pensamento sistêmico que propicia uma visão de mundo, a qual ao ser adotada, passa por interferência.

Este pensamento exige uma postura frente à vida, em que se analisa o indivíduo como um todo integrado, sendo contextualizado e não tratado de maneira fragmentada. Com isso, a partir do pensamento sistêmico, a família é considerada a base de todo o processo de relacionamento, porque deve ser considerada no conjunto como resultado da interação modular entre os membros, mas, em constantes e diferentes trocas com o sistema social na qual estão inseridos.

Nesse sentido, a espiritualidade surge como um recurso na qual cada família a utiliza para o enfrentamento das adversidades como ocorre durante o confinamento em períodos de pandemia.

De modo geral, para a fundamentação teórica deste estudo se salientam seis autores: 1) Ludwig Von Bertalanffy; 2) Edgar Morin; 3) Maria José Esteves Vasconcellos; 4) Ceneide Maria de Oliveira Cerveny; 5) Froma Walsh; e 6) Wanda Rogéria Campos Lima Assis.

O biólogo austríaco, Ludwig Von Bertalanffy, nascido em 1901 e falecido em 1972, desenvolveu a Teoria Geral dos Sistemas (TGS) nos anos de 1950. A TGS foi considerada como um novo modelo para analisar os relacionamentos familiares. Depois, a também psicóloga brasileira Ceneide Cerveny acompanhou a primeira onda dos estudos sistêmicos, se especializou em Intervenção Familiar e tem livros lançados como “Família como protagonista” e “Intergeracionalidade”. Aplica a TGS na terapia familiar a partir da classificação de família e o ciclo de vida.

Seguidora dos princípios de Von Bertalanffy, Cerveny e Vasconcellos, a psicóloga brasileira, Wanda Rogéria Campos Lima Assis, focaliza as práticas psicoterapêuticas e o caminho intergeracional para o atendimento de famílias.

Enquanto, o pensador contemporâneo, sociólogo e filósofo francês, Edgar Morin, nascido em 1921, em Paris, idealizador da Teoria da Complexidade na década de 1980, enfoca tanto a intersubjetividade como a multidisciplinaridade. Morin tem

colaborado para a compreensão e a abordagem dos problemas sociais, inclusive, familiares, conduzindo a um pensamento globalizado e planetário.

Seguindo os axiomas morinianos, a psicóloga brasileira Maria Vasconcellos lançou o livro “Pensamento Sistêmico” em 2002, que engloba várias áreas da vida cotidiana, inclusive a família. Por fim, a psicóloga estadunidense, Froma Walsh, ficou conhecida por disseminar a resiliência como essência do relacionamento familiar baseado no desenvolvimento sistêmico, cultural e espiritual.

2.1 TEORIA SISTÊMICA

Todo ambiente, situação e relação apresenta inúmeras possibilidades de leituras para o sistema, por isso, é considerado complexo, pois se utiliza de vários momentos e possibilidades para poder responder às questões que surgem.

No mundo contemporâneo, o pensamento sistêmico aplicado nas mais diversas áreas teve o reconhecimento na primeira metade do século XX. Na ótica de Assis (2020a), pensar sistemicamente é perceber o sujeito não fragmentado e sim como um todo integrado em uma visão exponencial, contextualizando-o como algo maior, em que a soma das partes sempre vão além desse todo e não o vendo como partes sem uma interconexão.

A ciência busca sempre o embasamento que se necessita para as mudanças de percepções como ampliações, também é sempre uma desconstrução para uma reconstrução, a fim de se responder e entender questões que emergem na vida em sociedade e oferece base para repensá-las e trabalhar.

As famílias antes eram mais orientadas e influenciadas religiosamente, não que no momento não seja, mas, atualmente, tem a ciência como referência também. Nesses tempos pandêmicos, a área biológica ficou bem evidenciada e acaba impactando na vida familiar.

Conforme os pensamentos de Monod (1970 *apud* VASCONCELLOS, 2012, p.17), “as sociedades modernas são construídas sobre a ciência”. Nessa construção, se percorre o caminho da ciência tradicional desde o paradigma filosófico, para uma epistemologia científica, haja vista que para o viver o estar e o agir no mundo há os personagens que historicamente foram influentes na constituição do paradigma tradicional da ciência.

Em termos gerais, a Teoria Geral dos Sistemas (TGS) foi desenvolvida por Von Bertalanffy (1977), a qual tem como ideia central uma teoria que possa ser aplicada em diferentes disciplinas científicas. O objeto proposto foi a formulação de princípios válidos para os sistemas em geral, assim, ela se propõe como uma ciência da totalidade.

Na contemporaneidade, o paradigma de ciência faz parte de uma visão de mundo que tomou forma há uns 400 anos e que, apesar de ter passado por modificações durante esses anos, ainda retém muito do paradigma newtoniano do mundo como máquina, do século XVII. Os representantes influentes foram Galileu Galilei, René Descartes, Francis Bacon, Isaac Newton, Comte (RIFKIN; HOWARD, 1980 *apud* VASCONCELLOS, 2012, p. 46).

Essa abordagem clássica se concentrou no estudo dos elementos em si, pois a visão de mundo mecanicista trouxe como consequência a fragmentação do conhecimento, se dividindo em disciplinas cada vez mais especializadas. Com essa base, cada área do conhecimento teve o objeto básico de estudo, no qual a Física focou no átomo, a Biologia na célula *etc.*

Embora, dividida em áreas, todas são importantes e formam um todo para a compreensão do ser humano no processo evolutivo, seja o ser biológico com as células, seja o ser psicológico com o psiquismo *etc.* No entanto, como explicitado por Gomes (2014), todas essas abordagens e estudos são relevantes e são partes de algo maior. Às vezes, se sente necessidade de explicar como as partes interagem no sistema amplo. Se compreende que há necessidade de avançar nos estudos para responder às outras demandas que surgem na convivência.

Von Bertalanffy (1977) considerou o sistema como uma totalidade ou um conjunto de interações, passando o todo a ter um valor diferente que a soma das partes e de circularidade a propriedade na qual todos os acontecimentos definidos como causas e efeitos numa cadeia circular de influência mútua, de modo a possibilitar a determinação do que aconteceu primeiro.

De acordo com a TGS, entende-se que um sistema é um todo complexo em que os elementos interagem em uma determinada ordem, uma vez que todos os sistemas vivos apresentam as mesmas propriedades.

Sobre o percurso dessa teoria sistêmica, conduzindo ao entendimento de que toda complexidade teve início na simplicidade, Vasconcellos (2012, p.67) declara que, “para compreender o paradigma da complexidade, é preciso saber antes que existe um paradigma de simplicidade”.

Segundo Morin (2002, p. 6), a complexidade, realmente, surge na falha da simplicidade, mas, “íntegra tudo aquilo que põe ordem, clareza, distinção e precisão no conhecimento”. Portanto, o pensamento complexo agrega todos os possíveis modos simplificadores de pensar, mas não dá espaço às implicações redutoras, unidimensionais e mutiladoras. Enquanto, o pensamento simplificador desfaz a complexidade da realidade.

Vasconcellos (2012) distingue três dimensões do paradigma tradicional: simplicidade, estabilidade e objetividade. Nessas dimensões, o pressuposto da **simplicidade** se baseia na saída do complexo para conhecer, tornar mais simples, separando as partes para entender o todo, separando o que está ligado. Já, o pressuposto da **estabilidade** remete ao mundo estável no que condiz à relação funcional entre dois fatores, o que significa que um varia referente ao outro, à lei da oferta e à procura. E, o pressuposto da **objetividade**, sendo possível conhecer o mundo tal como é.

Na concepção de Vasconcellos (2012, p. 93), “a ciência tradicional simplifica o universo para conhecê-lo ou saber como funciona tal como é na realidade”. Uma percepção que se remete ao âmbito familiar sobre a **simplicidade**, como o dito popular “é só estudar e se formar, que terá um trabalho”. No entanto, a realidade não é bem assim, nem sempre existe vaga para esse profissional e mesmo quando a vaga existe, esse trabalhador está configurado como um prestador de serviço.

Na contemporaneidade, como se aborda muito em complexidade, inclusive como tratado nesta monografia, como sendo família um sistema complexo, Vasconcellos (2012) diz que “não se deve considerar que isto seja novo, mas reconhecido pela ciência” (p. 104).

O que combinava conceitos do pensamento sistêmico e da Biologia, buscando a aplicação aos seres vivos e aos sistemas sociais. Com isso, Von Bertalanffy (1977) entende o funcionamento genérico de qualquer sistema, sendo abstraída para sociedade em geral, pois as pessoas se interrelacionam.

Para Morin (1977, p. 99), o sistema é “uma inter-relação de elementos que constituem uma entidade ou unidade global”. Um sistema sempre será composto por elementos relacionados entre si, com uma dinâmica para atingir um objetivo comum.

A interação ou a relação entre os componentes torna os elementos mutuamente interdependentes e caracteriza o sistema, diferenciando-o do

aglomerado de partes independentes (KUNZLER, 2004). Para compreender o comportamento das partes torna-se indispensável considerar “as relações, que dá coesão ao sistema todo, conferindo-lhe um caráter de totalidade ou globalidade, uma das características definidoras do sistema” (VASCONCELLOS, 2012, p.199).

Na visão de Von Bertalanffy (1977, p. 57), o “sistema é o conjunto de unidades em interrelações mútuas”. Portanto, o organismo não é um sistema estático, fechado ao mundo exterior, mas sim um sistema aberto, quase estacionário, em que as matérias ingressam continuamente de maneira exógena, deixando as matérias endógenas do organismo.

A TGS também faz uso do conceito da retroalimentação ou *feedback*², nome dado por Wiener e Bigelow, ao conceito que explicava de que forma poderia corrigir os desvios das máquinas computadorizadas, fazendo uma simetria entre o funcionamento do sistema nervoso e o funcionamento das máquinas de computação. Os sistemas recebem permanentemente *feedbacks* e pode assumir valores positivos, quando o caminho segue o desejável, e valores negativos, quando há desvios dos objetivos inicialmente traçados, a interação gera os *feedbacks*, criando uma autorregulação, assim, Vasconcellos (2012) alega que, a mudança permanece ininterrupta enquanto os sistemas se autorregulam e se retroalimentam. Um sistema realimentado, é um sistema dinâmico, vivo

“Quando o próprio sistema exhibe um comportamento adaptativo às variações do meio, diz-se que está exibindo autorregulação. O que torna possível a autorregulação são os mecanismos de retroalimentação” (VASCONCELLOS, 2012, p. 220).

Ainda de acordo com os preceitos Vasconcellos (2012), a retroação³ é também importante, a fim de garantir a estabilização do sistema, corrigir os desvios em relação a um estado a ser mantido, ou seja, conservando a *homeostase*⁴, a conservação dos parâmetros do organismo vivo. Para compreender o comportamento é indispensável considerar as relações, pois existe uma interação entre os componentes, favorecendo a retroalimentação que de certa forma constitui aquele sistema.

² Resultado das ações.

³ Consequente autorregulação.

⁴ Volta tudo para regulação.

A partir da década de 1940, se articulam a TGS à Cibernética e à Teoria da Comunicação. “A Cibernética se interessa pelo modo de funcionar das máquinas, independente da natureza dos elementos constituintes: focaliza as relações entre os elementos, o modo como estão acoplados ou as regras de conexão entre eles.” (VASCONCELLOS, 2012, p.217).

Afirmando que o propósito da Cibernética é o de desenvolver uma linguagem e técnicas que permitam abordar o problema da comunicação e do controle em geral, Wiener (1984 *apud* VASCONCELLOS, 2012) considera a mensagem como elemento central, tanto na comunicação quanto no controle. As pessoas enviam mensagens a todo tempo para se comunicar, podendo ser transmitidas de várias formas.

Segundo Wiener (1984 *apud* VASCONCELLOS, 2012, p. 217) “quando me comunico, transmito uma mensagem; quando comando transmito uma mensagem, ela se define distribuída no tempo como uma sequência de eventos mensuráveis”.

Em outro momento, o antropólogo Gregory Bateson desenvolve a Teoria da Comunicação que contribui de forma significativa para a melhoria das máquinas cibernéticas. A Teoria da Cibernética divide-se em Cibernética de 1ª ordem e de 2ª ordem. A Cibernética de 1ª ordem se subdivide em 1ª e 2ª Cibernética.

A 1ª Cibernética trata dos *processos morfostáticos*⁵, resultantes de retroação negativa ou retroação autorreguladora, a qual conduz o sistema de volta ao estado de equilíbrio homeostático otimizando a obtenção da meta. Trata da automanutenção do sistema (VASCONCELLOS, 2012, p. 225).

Enquanto, a 2ª Cibernética trata dos processos morfogenéticos⁶ resultantes de retroação positiva ou retroação amplificadora de desvios⁷, promovendo a transformação e gerando um novo regime de funcionamento. Trata da capacidade de automudança do sistema (VASCONCELLOS, 2012, p. 225).

Vasconcellos (2012), traz a referência de que a existência de retroalimentação, seja positiva ou negativa, tem sido frequentemente associada à noção de circularidade, graças a presença da alça de retroação. Ênfase no *construtivismo* ou na *visão construtivista*⁸ que é tendência de os sistemas naturais manterem-se em ambiente de mudança.

⁵ Mudança de 1 ordem.

⁶ Mudança de 2 ordens.

⁷ Ampliação caso não produza a destruição do sistema e se a estrutura dele permitir.

⁸ Observador como parte do fenômeno que observa.

A Cibernética de 2ª ordem também é chamada de Si-Cibernética, proposto por Morin (1977) sendo mais abrangente e integradora, resgatando e integrando a Cibernética com as vantagens.

Vasconcellos (2012) apresenta três pressupostos da ciência novo-paradigmática, como elucidado no Quadro 1.

Quadro 1 – Pressupostos da Ciência Novo-paradigmática.

| PRESSUPOSTOS | DESCRIÇÃO |
|---------------------------|--|
| Complexidade | Causalidade circular, recursividade, contradições e pensamento complexo. |
| Instabilidade | Desordem, evolução, imprevisibilidade e auto-organização. |
| Intersubjetividade | Inclusão do observador, significação da experiência na conversação e coconstrução. |

Fonte: Adaptada de Vasconcellos (2012).

A mudança de 1ª ordem tem a tendência para automanutenção e estabilidade, garante a morfostase. Já, a mudança de 2ª ordem implica em novas regras ou salto qualitativo no funcionamento do sistema, viabiliza a morfogênese.

O pensamento sistêmico, não se torna apenas um avanço na ciência e sim uma visão de mundo, que exige uma nova postura frente à complexidade da vida, um todo integrado, fenômenos interconectados e interdependentes, concepção da espiritualidade, pois o universo é como uma teia de relações interconectadas, quando uma parte do sistema muda, outras partes também serão afetadas por essa mudança, nessa sinergia das relações, exige ampliar o foco de observação compreendendo a causalidade circular e a grande possibilidade de mudança.

É na ciência que se estuda os sistemas, transformando e adaptando as novas pesquisas, pois a realidade da vida dá a base para o avanço científico. Enfim, a teoria sistêmica corresponde a visão exponencial de um mundo integrado, em uma perspectiva do indivíduo no contexto mais amplo, conduzindo ao pensar e trabalhar a família sistemicamente, englobando as histórias ao longo da vida, a fim de verificar o que se repete e o que se diferencia.

2.2 FAMÍLIA

Na percepção sociológica de Lakatos e Marconi (1999), o ser humano tem uma profunda necessidade de suprir o sentimento de pertença. A primeira instituição viva em que a pessoa faz parte é da **família**, porque pode ser analisada nas variáveis como: crescimento, multiplicação e fases de perdas.

Se compara a **família** como um corpo humano, assim como o esqueleto humano está para sustentação, estabelece a forma e organiza, a hierarquia está para **família**, a qual também tem anatomia ou estrutura própria, determinada pela distribuição dos membros referente a quem e à fisiologia – como cada um participa.

Em relação à autoridade, Lakatos e Marconi (1999) classificam em três estilos familiares, como exposto no Quadro 2.

Quadro 2 – Classificação dos estilos familiares por autoridade.

| AUTORIDADE | DESCRIÇÃO |
|------------------------------|---|
| Patriarcal | Se a figura central é o pai, este terá autoridade de chefe sobre a mulher e os filhos. |
| Matriarcal | Se a figura central é a mãe, a predominância da autoridade será feminina sobre os membros da família. |
| Paternal ou Iguatária | A autoridade pode ser mais equilibrada entre os cônjuges, dependendo das situações, ações ou questões particulares. |

Fonte: Adaptada de Lakatos e Marconi (1999).

Para desenvolver a seção sobre Família se fundamentou em três estudiosos: 1) Michael P. Nichols e Richard C. Schwartz; 2) Ceneide Maria de Oliveira Cerveny; e 3) Mario Petzold.

Os profissionais estadunidenses, Michael Nichols e Richard Schwartz, consideram que a Cibernética como um modelo mais influente para estudar famílias, pois a perspectiva da circularidade foi a base para compreensão das influências entre os membros da família.

Corroborando com a psicóloga brasileira Ceneide Cerveny traz a concepção e o sentimento de pertença, bem como a estrutura com regras que possibilitam e governam as dinâmicas em grupo. Mais adiante, o sociólogo estadunidense Mario Petzold agrega valor nesta monografia com as relações íntimas e as intergeracionais.

Os teóricos da Cibernética (como Wiener), os movimentos terapêuticos grupais (como Pichon Rivière e as comunidades terapêuticas) participaram do movimento lento, mas definitivo, de trazer a família para a cena clínica, o que veio ocorrer sistematicamente, após 1960 (COSTA, 2010, p. 95).

A Família passa a ser protagonista, reconhecendo que o estudo auxiliaria na dimensão individual do conflito, uma vez que envolve emoções, padrões intergeracionais, mitos e lealdade, compondo essa complexidade de padrões de interação. Então, se faz necessário explorá-los para um maior entendimento das relações (BORGES; MAGALHÃES, 2011).

Von Foster (1960 *apud* ASSIS, 2020a) categoriza duas mudanças que ocorrem na Teoria Sistêmica, como apontado no Quadro 3.

Quadro 3 – Classificação das mudanças da Teoria Sistêmica.

| MUDANÇAS | DESCRIÇÃO |
|-----------------|---|
| 1ª Ordem | Mais simples e fácil. Permite resolver as dificuldades. |
| 2ª Ordem | Voltado às relações e não somente para os sintomas apresentados pelo membro da família que sinalizava algo que não funcionava bem no sistema. |

Fonte: Adaptada de Von Foster (1960 *apud* ASSIS, 2020a).

Para Nichols e Schwartz (2006), a abordagem individual e a familiar oferecem condições de compreensão e ajuda para a resolução de conflitos e alívio do sofrimento humano. Com tudo, Costa (2010), alude que a mudança individual favorece a mudança familiar e vice-versa.

Nichols e Schwartz (2006) consideram que a Cibernética foi o modelo mais influente para estudar famílias, pois a perspectiva da circularidade foi a lente para compreensão das influências entre os membros da família.

A família, enquanto espaço privilegiado de socialização, de prática de tolerância, divisão de responsabilidades e espaço indispensável para garantia da sobrevivência, que propicia aportes afetivos e, sobretudo materiais necessários ao desenvolvimento e bem-estar dos componentes, possibilita inúmeras possibilidades de interação e intervenção. É no interior que se constroem as marcas entre as gerações e são observados os valores culturais (FERRARI; KALOUSTIAN, 2008, p. 11).

Uma reflexão mais crítica sobre a família de Matta (1987 *apud* CERVENY, 2011, p. 27), permite descobrir que ela não é apenas uma instituição social capaz de ser individualizada, mas constitui também e principalmente um valor.

De essa forma, se concebe a família com foco na estrutura, por meio de um instrumento genograma como um padrão organizado, no qual os membros interagem praticando as funções de diferentes formas, como pai, avô, tio etc. A estrutura da família envolve um conjunto de regras que governam as dinâmicas e essas formam transações. Assis (2020a, p. 75) explica que se tem para auxiliar na análise do complexo fenômeno do desenvolvimento familiar as informações reunidas por meio do mapeamento das dinâmicas relacionais quando se utiliza o instrumento genograma.

Bell (1975 *apud* CERVENY, 2011) classifica a família em três categorias, como visto no Quadro 4.

Quadro 4 – Classificação da família por Bell.

| CATEGORIAS | DESCRIÇÃO |
|-------------------------------|---|
| Família de Origem (FO) | Família em que se nasce. |
| Família Nuclear (FN) | Unidade coletiva composta pelos pais e filhos. Derivada do relacionamento biológico. |
| Família Extensa (FE) | Derivada de parentesco sanguíneo ou afinidade com pessoas com ligação entre si tanto no tempo como no espaço. Subclassificada em duas categorias: <u>Formato Vertical</u> – com três ou mais gerações. <u>Formato Lateral</u> – adoção de outras unidades nucleares. |

Fonte: Adaptada de Bell (1975 *apud* CERVENY, 2011).

Poster (1978 *apud* CERVENY, 2011) categoriza a família em 3 níveis, como observado no Quadro 5.

Quadro 5 – Classificação da família por Poster.

| NÍVEIS | DESCRIÇÃO |
|----------------------------|---|
| Psicológico | Estrutura emocional com hierarquias de funções, idades e gêneros. Processo de interação com dois tipos de padrão: a) <u>Autoridade e amor</u> – instruídos pelos adultos. b) <u>Identificação</u> – consolidada por vínculos entre adultos e crianças. |
| Vida Cotidiana | Microuniverso definido a partir da rotina da atividade familiar. Indica 3 categorias: a) Habitação da família. b) Relações entre os membros. c) Funções da vida cotidiana. |
| Família e Sociedade | Instituições políticas, econômicas, religiosas e urbanas influem na família e o grau de equilíbrio ou conflito entre a família e a sociedade. |

Fonte: Adaptada de Bell (1975 *apud* CERVENY, 2011).

Especificamente sobre o nível de vida cotidiana se refere à relação entre pais e filhos ou casais, de acordo com o ciclo vital que se vive, definindo a função de cada membro da interação e do sistema familiar.

Em síntese, Cerveny (2011) compreende a família como um sistema, que deve ser analisado no contexto sempre dinâmico em relação com três eixos, como indicado no Quadro 6.

Quadro 6 – Eixos do contexto familiar.

| EIXOS | DESCRIÇÃO |
|---------------------------|-----------------------|
| Complexidade | Interações diversas. |
| Instabilidade | Mudanças constantes. |
| Intersubjetividade | Realidades múltiplas. |

Fonte: Adaptada de Cerveny (2011).

Atualmente, se depara com novas configurações familiares e possibilidades de família, por isso se faz necessário pensá-la de maneira contextualizada; considerando a reciprocidade como influência mútua nos relacionamentos; analisando as interações como produto da causalidade circular, valorizando o processo de comunicação e considerando diferentes fases do ciclo vital.

Cervený (2011) classifica o ciclo de vida da família em três fases, como exposto no Quadro 7.

Quadro 7 – Fases do ciclo de vida da família.

| FASES | CARACTERÍSTICAS |
|--------------------|--|
| Adolescente | Alimento das crises evolutivas, proteção dos pais, permissão ou não do uso de preservativos e revisão do sistema de crenças. Há reajuste das lentes, reconfigurando a relação pais e filhos |
| Madura | Mudanças de estrutura a partir de divisões, multiplicações e subtrações dos membros mais velhos. Fase mais longa do ciclo que remodela as relações pais e filhos no sentido de parceria. Compreende a entrada de novas pessoas (casamento dos filhos), |
| Última | O ajustamento é o reflexo das fases anteriores. Amadurecimento da parceria pais e filhos. Quanto mais amigo do filho é melhor. |

Fonte: Adaptada de Cervený (2011).

Petzold (1996) concebe a família como “um grupo social especial, caracterizado por relações íntimas e intergeracionais entre os membros.” (p.39). Nesse sentido, deve-se considerar que a família sofre grandes impactos e muitas mudanças estruturais, sociais, culturais, então conceituá-la não está tão fácil.

Todavia, em consonância com Stratton (2003 *apud* DESSEN, 2010, p. 212) diz que “a família continua sendo uma instituição forte e de influência, mas um pouco mais complexa e flexível do que as imagens do passado faz pensar.”

Kreppner (2000) argumenta que a família é um construto frágil que está em constante processo de adaptação e readaptação em função de eventos normativos e não normativos próprios do desenvolvimento como grupo.

Nesse sentido, se compreende a família como uma estrutura que é formada por inúmeras gerações, por isso tem a complexidade e não tem limite de fim, traz segurança e liberdade para cada integrante fazer os ajustes da melhor forma, criando sempre um sistema de troca, concepções e entendimentos.

Toda essa relação, para quem analisa, consegue apenas reter as informações passadas, mas quem convive nesse sistema absorve valores, crenças, sentimentos, assumindo um pertencimento da cultura familiar e do sistema em que está integrado. Família é o sistema atraente e desafiador, possui vínculos emocionais e genética com o *Deoxyribonucleic Acid*⁹ (DNA).

Logo, cada indivíduo pertence a uma determinada família, é nesta origem que se constrói a identidade pessoal e se torna parte da sociedade. Além disso, a partir do conhecimento começa a perceber que se vive em um sistema, em que cada membro contribuiu para a construção do mesmo e, assim, ocorre a retroalimentação para o desenvolvimento da história intergeracional.

2.3 A FAMÍLIA COMO UM SISTEMA

Todas as famílias têm algum tipo de estrutura hierárquica e horizontal, com os pais e os filhos possuindo quantidade diferentes de autoridade. Como as famílias são diferenciadas em subsistemas de membros, estes tendem a ter funções complementares.

Por um lado, Morin (1977, p. 99/101) percebe o sistema com sendo “uma inter-relação de elementos que constituem uma entidade ou unidade global” e a organização como “a disposição de relações entre componentes ou indivíduos que produz uma unidade complexa ou sistema, dotado de qualidades desconhecidas ao nível dos componentes ou indivíduos”. Assim, a noção de sistema envolve duas concepções: organização e relação,

Por outro lado, Von Bertalanffy (1977) conceitua o sistema como uma interação complexa de elementos, um todo organizado ou, ainda, partes que interagem formando esse todo unitário e complexo. Já, Stair e Reynolds (2011, p. 06) definem o sistema como “um conjunto de elementos ou componentes que interagem para se atingir objetivos”.

⁹ Ácido Desoxirribonucleico.

Contudo, Lewin (1948 *apud* CERVENY, 2011, p. 32) conceitua a família como um sistema, tendo em vista ser mais do que a soma das partes. Por isso, as características familiares não podem ser entendidas pelo simples somatório dos valores, personalidades e características dos membros, considerando que a família como sistema desenvolve padrões e modelos próprios de respostas.

Enquanto, na visão sistêmica de Minuchin (1988 *apud* DESSEN, 2010), a família é concebida como um sistema complexo, haja vista que é composta por vários subsistemas que se influenciam mutuamente.

Dessa maneira, o sistema apresenta um modo de interação; sistema aberto - essas relações se processam por trocas de energia e/ou *inputs*¹⁰ por canais de comunicação. Enquanto isso, a visão sistêmica proporciona a capacidade da visão holística para se alcançar um objetivo.

Ademais, quanto mais se enxergam os problemas como sistemas abertos, mais eficaz será a solução decorrente da troca de informações. Uma ampliação do olhar sobre a família alcança o que é denominado como **intergeracional**.

Por meio da história de cada cidadão se faz uma leitura intergeracional, uma vez que se pertence a uma determinada família, se constrói a identidade humana, por ser parte de uma sociedade e estar inserido em uma cultura com raízes. Por isso, em consonância com Assis (2020a), o olhar intergeracional vai além do indivíduo, da parentalidade e das gerações, alcançando o social de uma época.

De modo geral, a intergeracionalidade é resultante de estudos de articulações entre as gerações, nas quais são transmitidos valores, crenças, mitos, rituais, regras e modos de comunicar-se. Como a intergeracionalidade forma padrões que acomodam, é responsável pela transmissão de valores que se formam.

Ainda Assis (2020a) diz que é como um retrato que circulam as diferentes memórias das pessoas da família, os entendimentos, lembrando que são atemporais, espaciais e com diferentes dimensões.

A importância da leitura intergeracional está nesse intercâmbio que se faz entre os grupos etários. Afinal, é na memória que se transmite passagens de rituais e lealdade, surgindo vínculos que se modificam de acordo com a época social vivenciada.

¹⁰ Informações.

E nessa visão sistêmica, Cerveny (2011, p. 38) compreende o sistema familiar, “incluindo as gerações passadas, é o contexto em que ocorre a transmissão de padrões interacionais que, às vezes, pode não passar de uma geração à subseqüente, mas até pula uma geração”.

Esse processo facilita o aprendizado sobre a dinâmica e a complexidade das relações sociais, permeando as gerações. O que é cuidado em uma geração pode não se repetir na outra ou se repetir inconscientemente, ficando preso em determinada situação, tendo em vista que o ser humano faz parte de um elo da cadeia ou instituição familiar.

Nesse contexto, se analisa o conceito de geração sob a perspectiva da experiência (subjéctiva) de pessoas de diferentes idades. Em conformidade com Debert (1998, p. 60), geração “não se refere a pessoas que compartilham a mesma idade, mas às que vivenciaram determinados eventos que definem trajetórias passadas e futuras”.

Gerações são mais que coortes demográficos. Envolvem segmentos sociais que comportam relações familiares, relações entre amigos e colegas de trabalho, entre vizinhos, entre grupos de esportes, artes, cultura e agremiações científicas. Implicam estilos de vida, modos de ser, saber e fazer, valores, ideias, padrões de comportamento, graus de absorção científica e tecnológica. Comporta memória, ciência, lendas, tabus, mitos, referências religiosas e civis (MAGALHÃES, 2000, p. 37).

Barros (1987) afirma que uma geração possui uma forte e visível identidade histórica, em que estão implícitas as singularidades de costumes e comportamentos, determinando a experiência de cada pessoa e de um sistema maior. Para, Assis (2020b), esse singular não significa individualidade, mas, o que acontece no encontro com o outro, aquilo que surge e se apresenta na relação, o **ser com**.

Berger e Luckmann (1974 *apud* BORGES; MAGALHÃES, 2011) explicam que geração se refere à realidade socialmente construída, pois, o homem, diferentemente dos outros animais, tem uma relação com o mundo/ambiente estruturada de forma imperfeita devido à própria constituição biológica.

Nesse sentido, na contemporaneidade, surgiu a **geração pandêmica**, que absorve diferentes faixas etárias. A situação que se pensava ser momentânea, uma quarentena, já desapareceu, porque a pandemia já alcançou as diferentes gerações, uma vez que foi vivenciado mais de um ano nesse contexto. O COVID-19 é um megaevento na história mundial, haja vista que milhares de crianças nasceram durante a pandemia, jovens e idosos experienciaram este momento.

Não existe um caminho único nesta experiência, cada um terá a percepção desse momento e como vivenciaram o isolamento, as restrições, as aulas virtuais e o trabalho remoto. As experiências serão contadas às próximas gerações, como as vacinas que foram criadas, testadas, lançadas e aplicadas em tempo recorde, assim como o abre e fecha do comércio.

Existe uma linha divisória imaginária no mundo antes e depois do COVID-19. As realidades diárias da pandemia foram explicitadas em cada boletim que eram divulgados sobre números de casos confirmados, números de óbitos e casos de recuperação. Se registraram as **dores da pandemia**, uma marca que fica na próxima geração composta pelas crianças que foram drasticamente afetadas em convívios sociais e educacionais, por exemplo.

Dessa forma, a transmissão cultural e a forma como ocorre na intergeracionalidade se deve observar e perguntar, pelo fato de que numa família, existem realidades muito diferentes envolvendo três gerações como avós mais tradicionais, filhos liberais e os netos altamente tecnológicos.

Os valores e a transmissão permearão essas gerações conforme a época social, o lugar em que vive, o convívio de trocas e aprendizados que podem gerar mudanças em cada faixa etária saudável. Todos cresceram com as experiências vividas, segundo Assis (2020a), o estudo intergeracional parece um novelo, quando um fio desenrola os entendimentos ou as curiosidades que se sobrepõem a cada pergunta, forma-se outro novelo na compreensão da história familiar.

Do mesmo modo, a família conectando as gerações faz com que o sistema se amplie. Assim, as interlocuções, os padrões e as histórias, muitas vezes, se repetem, fazendo o efeito de montanha russa com altos e baixos. Igualmente, sendo a vida um delicado equilíbrio entre limitações e possibilidades, quantas vezes nesse processo se necessita de recursos como espirituais para auxiliar o trabalho com as complexidades que surgem rotineiramente, como uma força extraordinária contida em um ser limitado de acordo com as fragilidades e dando conta que realmente existe algo além do palpável e visível.

2.4 ESPIRITUALIDADE

O sistema de crença proporciona uma orientação significativa para que entre uma pessoa e outra se enfrente os desafios que impactam rotineiramente o percurso da vida. Portanto, para discorrer sobre a temática espiritualidade se selecionaram três autores renomados: Froma Walsh, Leonardo Boff e Wanda Assis.

Primeiramente, o teólogo brasileiro, Leonardo Boff, nascido em 1938, alimenta a ideia teológica da libertação no sentido de defender os direitos dos menos favorecidos e dos excluídos que ficam às margens da sociedade. Todavia, neste estudo, Boff foi selecionado porque quando trata sobre sustentabilidade como a integração da espiritualidade e o que isso favorece a relação do ser humano com o meio em que vive.

Em seguida, Froma Walsh traz uma abordagem baseada na resiliência, mobilizando os recursos individuais, familiares e comunitários para promover o crescimento e a cura. E, por conseguinte, Wanda Assis aborda a espiritualidade no âmbito assistencial e clínico.

No contexto familiar, ressalta-se que o ser humano constitui uma totalidade, considerando as dimensões que o compõem: corpo, alma ou espírito, o que no contexto familiar é considerado como uma dimensão que requer também um cuidado. Ao mesmo tempo que o indivíduo é reconhecido como um ser pensante e racional, a dimensão espiritual também precisa ser considerada, já que completa esse tripé que compõem esse ser tão espetacular, o humano.

A priori, em conformidade com Holanda (1999, p. 197), o verbete **espiritualidade** derivou do latim *spiritus* que significa “a parte essencial das pessoas que controla a mente e o corpo”, propiciando o propósito para a vida das pessoas. *A posteriori*, Cipro Neto (2009, p. 250) aclara que a palavra tem origem no latim *spiritualitate* que representa a “característica e qualidade do que é espiritual ou a espiritualidade da alma”.

Nessa vertente, Boff (2006) diz que a espiritualidade tem sido vista como uma dimensão profunda, um espaço de paz em meio aos conflitos e aos problemas sociais e existenciais.

Na área de família, existem estudiosos trabalhando com os recursos espirituais, como Walsh (2016) e Assis (2020a) que acreditam serem relevantes em época pandêmica, as pessoas e as famílias precisam se reinventar. Um tema que tocou a

pesquisadora pessoalmente, em especial, devido às funções profissionais de Assistente Social e às temáticas tratadas durante as aulas no Curso de Especialização na área familiar.

Nesse sentido, a espiritualidade está no âmbito particular de cada ser humano, pois é a experiência pessoal e única que dará sentido a toda essa parte do próprio ser. É a parte que o diferencia dos outros seres inclusive pelo contexto familiar, uma vez que o coloca frente a frente com questões profundas e experiências únicas.

A espiritualidade traz a motivação para as perguntas mais cruciais a respeito da existência, do propósito e do sentido da vida. Walsh (2016, p. 347) ressalta essa questão, definindo a espiritualidade como “uma dimensão poderosa da experiência humana e da vida familiar”.

Conforme Pargament (2007 *apud* Walsh, 2016), a espiritualidade é um construto abrangente que se refere às crenças e às práticas transcendentais experienciadas na vida diária e nas relações diárias. A espiritualidade é a alma e o coração da religião.

Walsh (2016) esclarece que para trabalhar as questões religiosas na prática terapêutica, é necessário diferenciá-las dos recursos espirituais, tendo em vista que influenciam no fortalecimento familiar nos diversos momentos de necessidade e situações cotidianas. A partir de uma perspectiva sistêmica, esta autora aborda a dimensão espiritual das famílias na prática clínica.

A autora afirma que a espiritualidade está na base dos vínculos com grande influência na vida, porque faz parte da construção da instituição família. Uma obra com transtornos, alterações na estrutura e processos que oscilam e mudam o significado ao longo do tempo, por isso, as crenças e as práticas espirituais têm nutrido e ancorado às famílias por milênios e nas mais diversas culturas.

Afinal, é desafiador discorrer e encontrar definições tão concretas para a questão da espiritualidade, uma vez que envolve o universo da essência individual, com valores e sentido de vida que produzem comportamentos e sentimentos próprios, que oferecem significados à existência humana. Uma das formas que o indivíduo encontrou para expressar a espiritualidade é praticando certos rituais, de acordo com a religião em que se encontra.

Walsh (2016) percebe a religião como um sistema de crenças organizado e institucionalizado com tradições compartilhadas, doutrinas e práticas a partir de uma comunidade de seguidores.

Toda ciência serve como base de sustentação das teorias e da explicação dos fenômenos que ocorrem. Por isso, quando se aborda a espiritualidade se tem um embasamento teórico. Assim, se compreende que a espiritualidade está além de conceitos e teorias, haja vista estar vinculada a um universo tão pessoal que nos momentos mais delicados da existência, em que as adversidades são sentidas, a espiritualidade aparece como uma força inexplicável, que conecta a pessoa com um Ser invisível, mas perceptível, pois o capacita para enfrentar a tempestade e vê-la passar.

Assis (2020a) enfatiza a espiritualidade no contexto da clínica/na clínica e prática acadêmica que desenvolve sobre **intergeracionalidade** e **instrumento genograma**, abordando e demonstrando trabalhos com a utilização dos recursos espirituais na família. Se exemplifica o modo pelo qual esses recursos espirituais foram comunicados às novas gerações; como as pessoas se diferenciam ou repetem esses ensinamentos; como os utilizam ou não em momentos de fragilidade e vulnerabilidade; como ressignificam e os integram com outras crenças.

Se reflete como utilizá-los conforme as crenças de cada um. Sempre se opta por fazer uma análise orientada para a resiliência e o fortalecimento, no sentido de rastrear modelos e obter informações sobre relacionamentos. Portanto, o entendimento do sistema intergeracional foi um dos objetivos idealizados, mais intimamente, os recursos espirituais como fortalecimento nas famílias (informação verbal)¹¹.

¹¹ Fala da Profa. Dra. Wanda Rogéria Campos Lima Assis na disciplina **O olhar do homem sobre si mesmo**, UniTau, em 22 de maio de 2020.

3. MÉTODO

O método é o caminho que se percorre para se alcançar o objetivo da Monografia. Minayo (2001, p. 16), diz que metodologia é “o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade”. A técnica é o recurso que viabiliza o caminho, possibilitando que o fim buscado seja atingido. Dessa forma, nada pode ser intelectualmente um problema, se não tiver sido, em primeiro lugar, um problema da vida prática.

3.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

Este estudo se caracteriza como pesquisa exploratória com carácter quali-quantitativo, para isso, se aplicou o método de abordagem dedutivo e método de procedimento funcionalista.

A pesquisa exploratória permite buscar uma proximidade da realidade do objeto a ser estudado, como dito por Lakatos e Marconi (1982). Enquanto, Minayo (1992) advoga que o carácter qualitativo analisa o universo de significados, crenças, valores, respondendo a questões muito particulares, chega ao significado do fenômeno, buscando a compreensão pela descrição e pela interpretação.

Já, o carácter quantitativo é ideal para indicar dados estatísticos que sejam base para o aprofundamento qualitativo. Portanto, o método de abordagem dedutivo é considerado por Charoux (2006) como o mais indicado para trabalhar com dados quali-quantitativos.

E como, a intenção desta pesquisa foi compreender como as famílias utilizam a espiritualidade no enfrentamento das diferentes adversidades, o método de procedimento funcionalista é adequado, conforme a percepção de Oliveira (2004).

3.2 OS PARTICIPANTES

A amostra não probabilística por conveniência foi composta por vinte famílias que vivenciaram diferentes contextos, como: desemprego, divórcio, luto, doenças *etc.* Na percepção de McDaniel e Gates (2004), este tipo de amostragem é ideal quando não se exigem tantos critérios pré-estabelecidos para o processo de seleção de sujeitos em uma pesquisa.

Nesse sentido, não importava o contexto e muito menos as fases do ciclo de vida familiar. O único critério era que apenas 1 integrante de cada família amostrada tenha respondido ao questionário.

Todavia, se salienta que apesar de o questionário ter sido respondido por 20 famílias, como se tinha delimitado geograficamente apenas o Estado de São Paulo, para análise dos dados foram descartadas as respostas de 3 famílias que vivem nos demais estados: Minas Gerais, Rio de Janeiro e Ceará. O que configura a amostra final de 17 famílias.

3.3 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

Se utilizou como instrumento um questionário, constituído por 18 perguntas. O instrumento foi subdividido em três partes: 1) Perfil Socioeconômico; 2) Você, família e valores; e 3) Nova vida no lar ou refúgio ou campo de batalha.

Por um lado, das 18 questões, nove apresentaram respostas fechadas (RF), duas perguntas com respostas semiabertas (RSA) e oito questões com respostas abertas (RA). Ademais, entre as nove RF, uma pergunta com resposta múltipla (RM) e oito questões com resposta única (RU). Ademais, salienta-se que por questões de padronização os gráficos foram coloridos nas nuances de marrom e derivações.

Por outro lado, como oito perguntas tinham RA e duas com RSA das 18 questões, gerando dados qualitativos, estes foram transcritos na íntegra conforme o registro de cada família de maneira a respeitar até mesmo os erros ortográficos. Assim, as famílias foram ordenadas de forma numérica acompanhada da letra F que representa *família*, por exemplo, F1 – F2 ... etc.

3.4 COLETA DE DADOS

A coleta dos dados foi realizada durante o mês de março de 2021. Dessa maneira, primeiramente, se disponibilizou o questionário no sistema virtual com o uso da ferramenta tecnológica *Google Forms* que possibilita encaminhar via *e-mail* para cada família selecionada e ser preenchido sem a presença da pesquisadora e sem a influência da mesma durante as respostas. Depois, se permitiu que as famílias convidadas compartilhassem o instrumento em redes sociais, conforme os contatos.

A ferramenta *Google Forms* também possibilitou que cada família respondesse quando lhe fosse conveniente, sem interromper a rotina, de forma espontânea.

3.5 ASPECTOS ÉTICOS

O Projeto de Pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade de Taubaté (UniTau) virtualmente pela Plataforma Brasil no dia 12 de janeiro de 2021 (ANEXO A). A plataforma emitiu parecer favorável após 30 dias, sendo no dia 12 de fevereiro de 2021 (ANEXO A).

Somente após ter sido aprovado pelo CEP que a investigadora coletou os dados junto às famílias selecionadas.

3.6 ANÁLISE DOS DADOS

Para análise dos dados levantados se propôs a realizar quatro etapas: 1) Pré-análise; 2) Categorização; 3) Interpretação; e 4) Articulação com teoria.

Para a Pré-análise, se contabilizou os dados quantitativos, os quais foram expostos em forma de gráfico e tabela. Os dados quantitativos de duas até quatro variáveis derivadas de RF e/ou RSA caracterizadas como RU foram demonstrados em gráficos setoriais do tipo tridimensional (3D).

Enquanto, os dados com mais de quatro variáveis decorrentes de RF e/ou RSA classificadas como RU foram divulgados em gráficos tipo coluna. Já, os dados quantitativos provenientes de RF e/ou RSA classificados como RM foram revelados em tabelas em número absoluto (N) e percentual (%).

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Conhecer uma parcela da população a respeito de como se vive e como as relações acontecem é muito instigante para um pesquisador, então se começa a busca pelas informações, estabelecendo o perfil com informações relevantes. Daí, se percebe que este sujeito está em um contexto maior, que faz com que se porte diante do mundo, trazendo as lentes com as quais enxergará cada situação posta.

Além disso, está o sistema a que o ser humano pertence, o qual permitirá que sinta estar em um lugar seguro ou desenvolva o sentimento de pertença. Nesse sentido, cada situação que envolve esse sujeito é um ponto importante para se compreender o sistema, as conexões, os subsistemas e tudo que o envolve, pois faz parte de um todo.

Assim, a prática é construída por um conjunto de agentes social, institucional e familiar, que tecem no dia a dia a dinâmica dos relacionamentos, expressando a identidade de cada família e cidadão, a fim de desvendar as contradições. Dessa forma, os dados coletados permitiram entender a dinâmica e as interlocuções que ocorrem no contexto familiar como lugar de estruturação e desenvolvimento do ser humano.

A família ensina valores que são transmitidos de forma geracional como uma herança familiar. E toda herança precisa ser guardada e preservada nesse contexto do lar, se transformando em lugar de refúgio, onde tem a condição necessária de acolher as dores e as frustrações, onde o aconchego do lugar se torne tão desejável, que não existe lugar nenhum melhor que o **lar**.

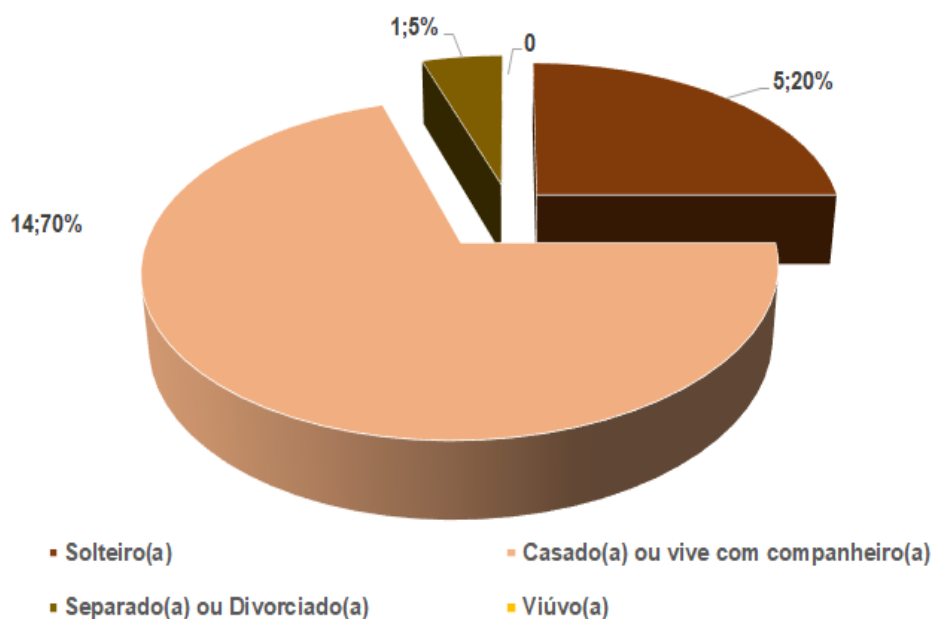
4.1 PERFIL SOCIOECONÔMICO FAMILIAR

Na Parte I do questionário em que o enfoque foi o **perfil socioeconômico da família**, primeiramente quanto à variável **gênero**, 100% da amostra composta de 20 pessoas é de mulheres (Questão 1 – Apêndice A). Assim, na percepção de Walsh (2016), o gênero é um construto criado socialmente que envolve expectativas, características e comportamentos gerados por determinada cultura definida como apropriado para homens e mulheres. No contexto contemporâneo brasileiro, o gênero feminino ser predominante como provedor da família já é muito comum.

Em conformidade com os estudos de Fleck e Wagner (2003), homens e mulheres mudaram o cotidiano, dividem as tarefas da manutenção da casa, tendo em vista que as mulheres também estão no mercado de trabalho. Em contrapartida, os estudiosos detectaram que, uma grande parcela de famílias, em que apesar das mulheres serem as provedoras do lar, não têm nenhuma ajuda do parceiro nas atividades do dia a dia. Tudo se torna parte do legado passado da família, dos valores ensinados e da cultura aprendida, o que influencia na maneira de como se relacionar.

Verifica-se, no Gráfico 1, que a maioria dos amostrados (70% de n=20) são casados ou vivem com um(a) companheiro(a). Nesse sentido, o **estado civil** (Questão 2 – Apêndice A) é uma nomenclatura que indica a condição atual de uma pessoa, uma vez que se têm leis que regulamentam a estrutura familiar. Por exemplo, a condição de poliafetiva não é reconhecida pelo Estado, com isso não se tem proteção legal.

Gráfico 1 – Distribuição das famílias da amostra inicial por estado civil (n=20), Brasil, 2020. RU.



Fonte: Autora (2021).

Dessa maneira, salienta-se que a condição a que uma pessoa se submete trará a garantia do direito. Por exemplo, a condição de união estável que é regularizada no Brasil.

Santos (2017) expõe que o estar no mundo sempre proporciona viver experiências, sejam no âmbito das conquistas pessoais ou profissionais. O que é muito presente na vida das mulheres que decidiram encarar os desafios da profissionalização e acabaram assumindo posições estratégicas em muitas empresas. Isso realmente foi uma transformação, visto que o gênero feminino ainda paga o preço da emancipação socioeconômica.

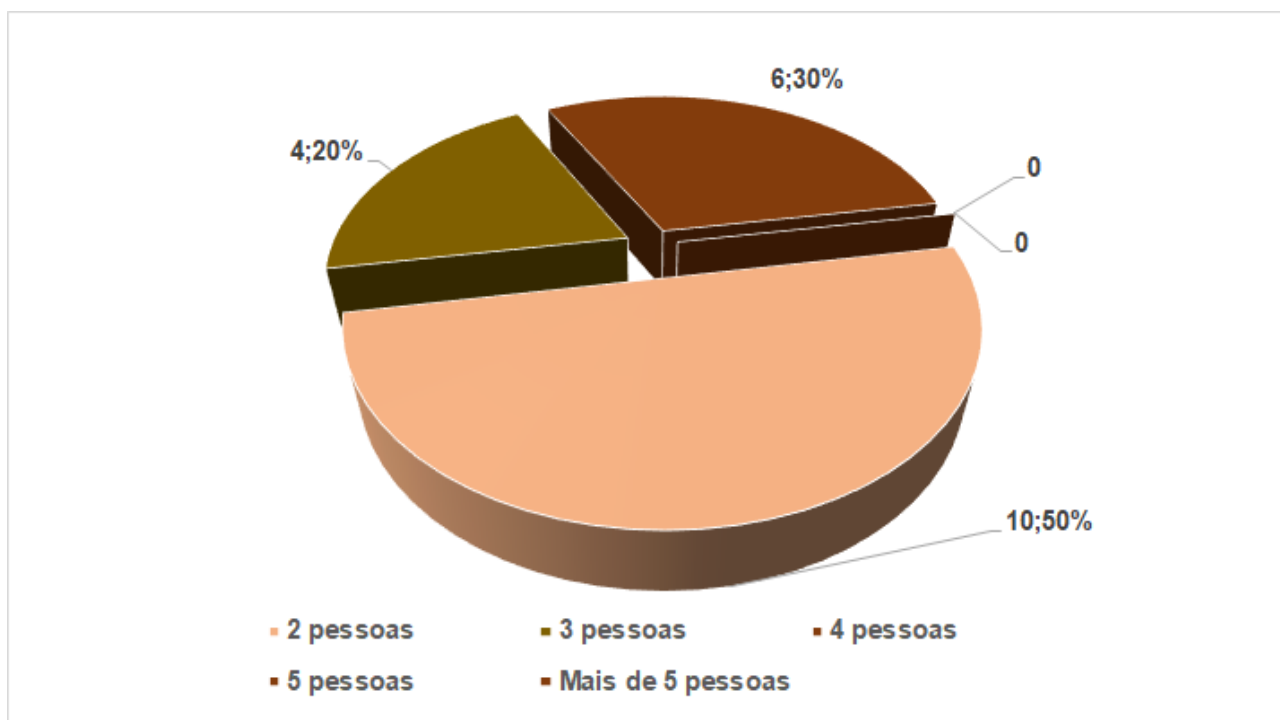
Contudo, cada mulher tem a concepção própria, pois o trabalho extradomiciliar para cada uma tem um significado distinto. Santos (2017) salienta que para muitas mulheres a emancipação representa a provisão da família, para outras uma realização pessoal ou a independência financeira.

De acordo com os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2014), 37,3% das famílias do país são providas por mulheres, sendo a maioria derivada de casal total, casal sem filho, casal com filho e responsável sem cônjuge com filho(s) de 0 a 5 anos.

Constate-se, no Gráfico 2, que a metade da amostra (50% de n=20) **vive com mais dois membros da família** (Questão 3 – Apêndice A). Com isso, se tem a percepção que família precisa ser compreendida como um sistema dinâmico e com diversas interações, em que cada membro interage formando um todo unitário e complexo.

Em consonância com os estudos desenvolvidos por Cavenaghi e Alves (2018), o Brasil passa por uma mudança na estrutura familiar, os arranjos domésticos e os rearranjos estão ficando cada vez mais diversificados. Nesse contexto, três fatores contribuem para essa modificação: (1) Queda da fecundidade; (2) Maior número de separação; e (3) Maior esperança de vida especialmente das mulheres, o que de uma certa forma é sentido no mercado de trabalho (in)formal de um número crescente de mulheres. Isso resulta na garantia do sustento de muitas famílias, pois elas contribuem ou até mesmo são as provedoras do lar.

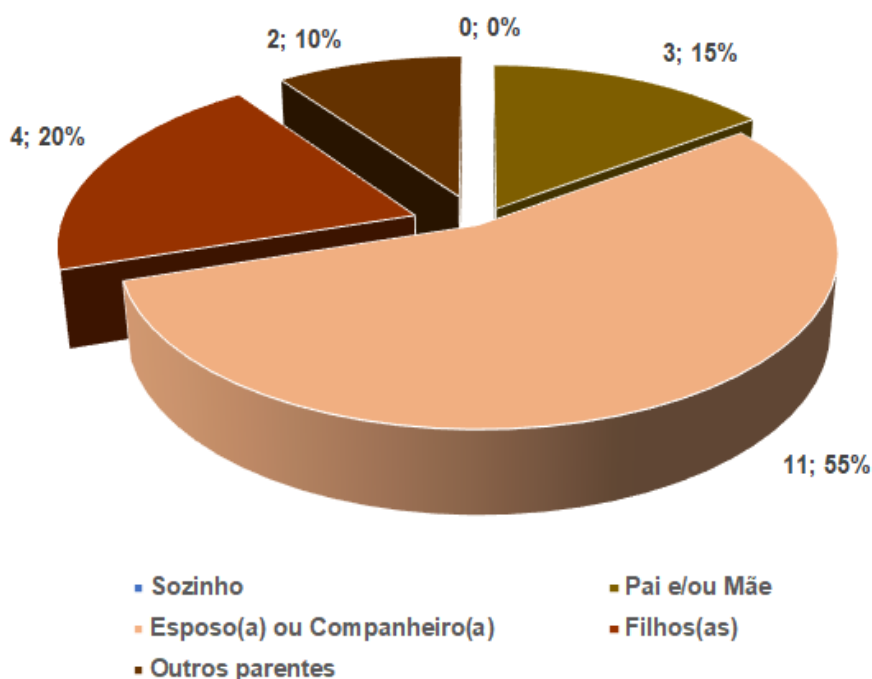
Gráfico 2 – Distribuição das famílias da amostra inicial por número de membros da família que vivem na mesma residência (n=20), Brasil, 2020. RU.



Fonte: Autora (2021).

Aponta-se, no Gráfico 3, que a frequência cumulativa de 45% dos sujeitos investigados ainda **vive em companhia** de pai, mãe ou filhos (Questão 4 – Apêndice A). Dado este que reporta ao sistema em que a família é considerada nuclear como espaço privilegiado de socialização, como dito por Bell (1975 *apud* CERVENY, 2011).

Gráfico 3 – Distribuição das famílias da amostra inicial por parente que vive na mesma residência (n=20), Brasil, 2020. RU.



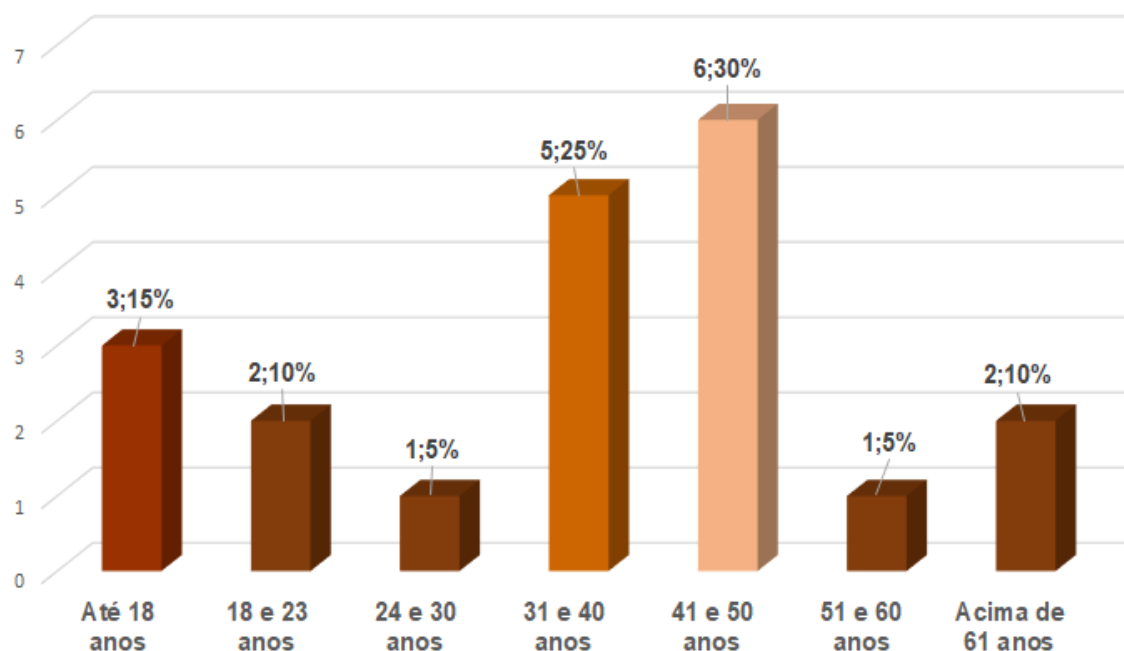
Fonte: Autora (2021).

Assinala-se, no Gráfico 4, que 30% das famílias amostradas vivem com **membros** na **faixa etária** entre 41 e 50 anos (Questão 5 – Apêndice A).

Diante aos apontamentos de Cervený (2011), a amostragem da pesquisa é caracterizada como **fase madura** no ciclo de vida familiar, haja vista que está num momento de remodelagem das relações. Pais e filhos constroem uma parceria, fechando um ciclo decorrente da faixa etária cumulativa estar entre 31 e 50 anos de idade (55%).

Conforme a investigação de Dal Belo e Marra (2020), em cada instituição familiar cada pessoa exerce uma ou mais funções, por exemplo, a mãe pode ser a cuidadora e/ou a provedora. Isso é refletido na identidade cultural que cada família desenvolve, decorrente dos valores e das crenças transmitidos ao longo das gerações. Enfim, esse sistema influencia na forma como as funções são exercidas em cada família.

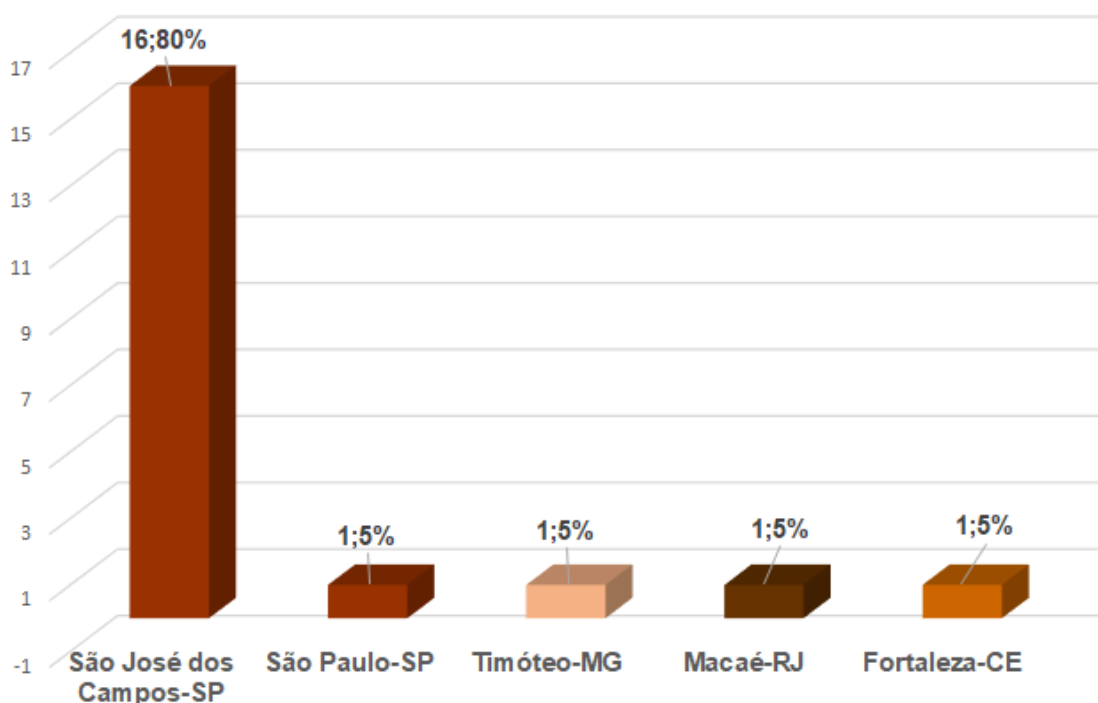
Gráfico 4 – Distribuição das famílias da amostra inicial por faixa etária dos membros da família (n=20), Brasil, 2020. RU.



Fonte: Autora (2021).

Como o estudo foi delimitado geograficamente apenas no Estado de São Paulo (Questão 6 – Apêndice A), região Sudeste brasileira, destaca-se, no Gráfico 5, que metade dos investigados (50% de n=20) **residem no Município** de São José dos Campos.

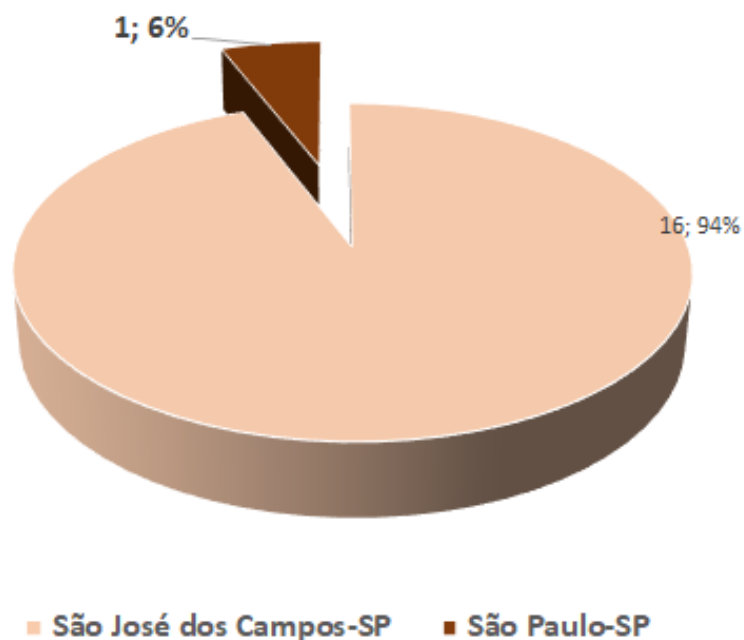
Gráfico 5 – Distribuição das famílias da amostra inicial por cidade de residência (n=20), Brasil, 2020. RU.



Fonte: Autora (2021).

Destaca-se que os sujeitos respondentes dos Estados de Minas Gerais, Rio de Janeiro e Fortaleza foram excluídos da amostra final. Com isso, 100% (n=17) das famílias pesquisadas do **Estado de São Paulo** vivem na cidade de São José dos Campos (Gráfico 6).

Gráfico 6 – Distribuição das famílias amostradas do Estado de São Paulo por cidade de residência (n=17), Brasil, 2020. RU.



Fonte: Autora (2021).

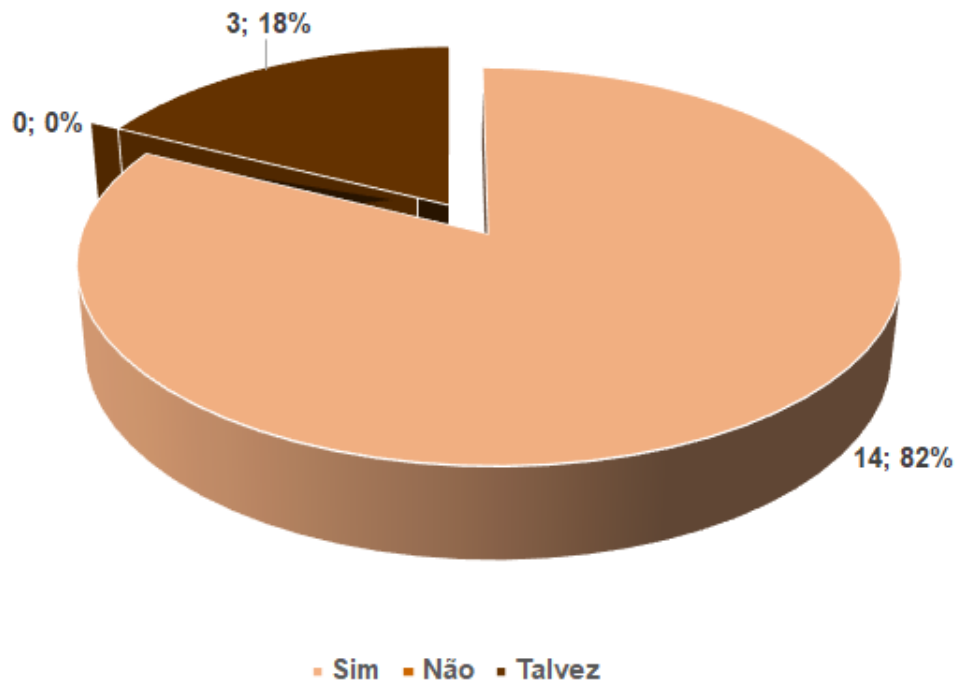
Em conformidade com estudos realizados pela empresa Macroplan (2021), São José dos Campos é considerada a 5ª melhor cidade do Brasil para se viver em comparação a outras 99 cidades com Índice de Desafios da Gestão Municipal (IDGM) 2021.

4.2 VOCÊ, FAMÍLIA E VALORES

Na Parte II do questionário em que o enfoque foi o **Você, Família e Valores**, a intenção foi verificar a percepção familiar no que concerne a **importância de compartilhar valores** (Questão 7 – Apêndice A), o índice elevado de 82% da amostra está de acordo, como destacado no Gráfico 7.

O que significa que as pessoas são unidas por laços, por isso, compartilham vivências, mitos, segredos e valores, os quais representam a leitura de cada sistema familiar, como exposto por Vasconcellos (2012).

Gráfico 7 – Percepção familiar referente à relevância de compartilhamento de valores (n=17), Brasil, 2020. RU.



Fonte: Autora (2021).

Da amostra de 17 sujeitos da pesquisa, dentre os **valores** que foram **compartilhados em família** durante a pandemia (Questão 7.1 – Apêndice A) foram:

- (F1) - “Fidelidade, honestidade, lealdade, respeito, fé, união e amor.”
- (F2) - “Valores morais e princípios bíblicos.”
- (F3) - “Respeito, lealdade, princípios cristãos.”
- (F4) - “Respeito, lealdade, amor.”
- (F5) - “Respeito, confiança, disciplina.”
- (F6) - “Fé em Deus, honestidade e integridade.”
- (F7) - “Honra, respeito, fé, companheirismo, união.”
- (F8) - “Valores cristãos.”
- (F9) - “Caráter cristão.”
- (F10) - “Viver.”
- (F11) - “Talvez.”
- (F12) - “Talvez.”

(F13) - “Éticos morais e espirituais.”

(F14) - “Familiares e religioso.”

(F15) - “Valores para ser um bom cidadão é uma boa pessoa.”

(F16) - “Respeito, compaixão, solidariedade, entre outros.”

(F17) - “Viver.”

Se observa que tanto a Família 11 como a Família 12 não compreenderam que teriam que descrever os valores compartilhados em família. Em contrapartida, os valores de respeito, lealdade e religião foram os mais disseminados no seio familiar.

Silva e Alonso (2021) salientaram que viver é uma arte, agora viver com a presença de um vírus desconhecido no início, atuante, mutante e avassalador é mais que uma arte. É como se estivesse trocando o pneu de um carro em movimento. Esta situação fez com que o mundo experimentasse novas realidades, trouxe um novo modo de viver, trabalhar, estudar, perceber o outro e novas maneiras de estar com o outro.

O novo viver contemporâneo decorrente de um caos gerado pela pandemia do COVID-19, desafiou as pessoas a se adequarem aos novos meios tecnológicos, às novas rotinas familiares e até mesmo à dimensão do tempo. O que antes era corrido com a ida ao trabalho e todo trajeto que se percorria, passou a realmente sentir como é estar em casa no conforto do lar. Todavia, agora se transforma em múltiplos espaços justamente para se adequar a nova maneira de viver e continuar fazendo da vida uma arte.

Quando questionados acerca da diferença dos aspectos **religião** e **espiritualidade** (Questão 8 – Apêndice A), as respostas dos amostrados foram:

(F1) - “Religião para nós são os ensinamentos que nos levam à Deus. Espiritualidade é a maneira como nós nos voltamos para Deus, nosso relacionamento diário com Deus.”

(F2) - “Religião é prática constante que nos conecta a espiritualidade.”

(F3) - “Religião: o que pessoas impõe, doutrina de homens. Espiritualidade: algo mais profundo.”

(F4) - “Para nós ambas as coisas andam juntas”

(F5) - “Religião é uma crença, espiritualidade é uma segunda dimensão que vivemos aqui na terra”.

(F6) - “Religião é o ato de seguir algo, espiritualidade é reger a vida por suas convicções religiosas”.

(F7) - “A religião é o que nos distingue para os demais (evangélico, católico, espírita) e a espiritualidade é o que de fato vivenciamos em nosso relacionamento com Deus”.

(F8) - “Religião está preso a dogmas e igrejas físicas. Espiritualidade é interior de cada um”.

(F9) - “Religião são regras humanas e espiritualidade é a identidade em Cristo”.

(F10) - “Não conversamos sobre religião”.

(F11) - “Religião Crença- Espiritualidade um estado”.

(F12) - “Religião Crença- Espiritualidade um estado”.

(F13) - “Não”.

(F14) - “Religião, acho que é uma coisa imposta não por Deus é pelo homem. Espiritualidade é a intimidade minha com Deus”.

(F15) - “A religião é algo criado por homens. O espírito é o que habita cada um”.

(F16) - “Não diferenciamos, acreditamos no único Deus, que rege tudo e todos. A única diferença é na forma de vermos as coisas e como interpretamos. Como somos todos filhos do mesmo pai, é igual a uma família, nenhum filho é igual ao outro e foram educados igualmente”.

(F17) - “Não conversamos sobre religião”.

Primeiramente, as **famílias 10, 13 e 17** não devem ter compreendido o propósito da pergunta, respondendo-a de maneira vaga. Depois, a **família 2** somente pontua o que significa religião para ela. Enquanto, para a **família 4** um é derivado da outra. Já a **família 16** descreveu suas crenças e não a diferença dos dois aspectos questionados.

De modo geral, a maioria das famílias investigadas diferencia religião e espiritualidade de maneira condizente com os pensamentos de Boff (2006) e Pargament (2007 *apud* Walsh, 2016). Enfim, por um lado, a espiritualidade condiz com o significado e o propósito para a vida de cada pessoa. Está na dimensão pessoal, sendo peculiar de cada ser humano, o que proporciona a busca pelo sagrado. Por

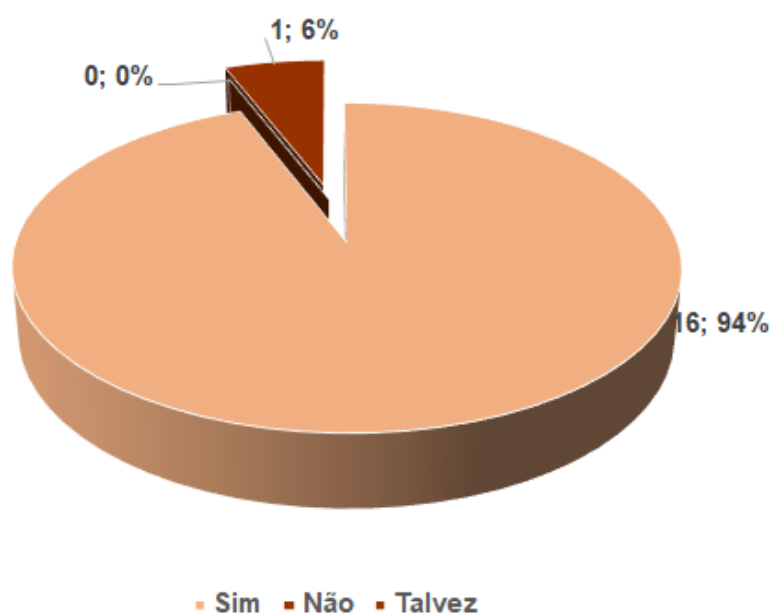
outro lado, a religião se configura como a prática de certos rituais conforme os costumes religiosos.

Com base na pesquisa de Godinho *et al.* (2018), o momento histórico da pandemia gerou a transformação em vários aspectos, inclusive nas questões religiosas. E como a expressão da Fé foi demonstrada por diversos aspectos, seja na forma de meditação e/ou oração. Cada pessoa passou a demonstrar da forma que se sentia melhor.

Todavia, ainda é preciso tempo para que a noção entre religião e espiritualidade seja mais bem concebida entre as famílias, uma vez que as percepções são subjetivas podendo ou não divergir ou convergir de pessoa para pessoa. Portanto, se devem considerar todas as dimensões que constituem o ser humano, sendo uma delas a experiência no âmbito da espiritualidade.

Em relação ao quesito **valorização da espiritualidade** durante a pandemia (Questão 9 – Apêndice A), apesar de ser tão peculiar e intrínseca do ser humano, na percepção das famílias amostradas, 6% não acredita ser um fator primordial na vida, como ilustrado no Gráfico 8.

Gráfico 8 – Percepção familiar referente à valorização da espiritualidade (n=17), Brasil, 2020. RU.



Fonte: Autora (2021).

Acredita-se ser desafiador encontrar **valor**, ainda mais em tempos de pandemia, e até mesmo o conceito de espiritualidade, tendo em vista que se refere à vivência pessoal e às experiências individualizadas. Um atributo inerente ao ser humano que promove bem-estar e realização, impacta positiva ou negativamente na saúde e traz significado e sentido ímpares à vida.

Dos 90% que confirmaram ser a espiritualidade de grande valor para a família, descreveram qual a representatividade na vida (Questão 9.1 – Apêndice A):

- (F1) - “Fidelidade, Honestidade, Lealdade, Respeito, Fé, União e Amor”.
- (F2) - “Valores morais e princípios bíblicos”.
- (F3) - “Respeito, Lealdade, Princípios cristãos”.
- (F4) - “Respeito, Lealdade, Amor”.
- (F5) - “Respeito, confiança, disciplina”.
- (F6) - “Fé em Deus, honestidade e integridade”.
- (F7) - “Honra, respeito, fé, companheirismo, União”.
- (F8) - “Valores cristãos”.
- (F9) - “Caráter cristão”.
- (F10) - “Viver”.
- (F11) - “Talvez”.
- (F12) - “Talvez”.
- (F13) - “Éticos, morais e espirituais”.
- (F14) - “Família e Religioso”.
- (F15) - “Valores para ser um bom cidadão é uma boa pessoa”.
- (F16) - “Respeito, compaixão, solidariedade, entre outros”.
- (F17) - “Viver”.

Das 17 famílias que responderam à questão, duas não entenderam a essência da pergunta, que era descrever a importância da espiritualidade na vida e simplesmente contestaram **talvez**.

Na ótica de Aquino e Oliveira (2020), o período vivenciado mundialmente desde 2020 favoreceu um grande aprendizado sobre os valores humanos. O que se vivia de forma tão automática, passou a ser pensado e analisado. Por exemplo, o quanto vale

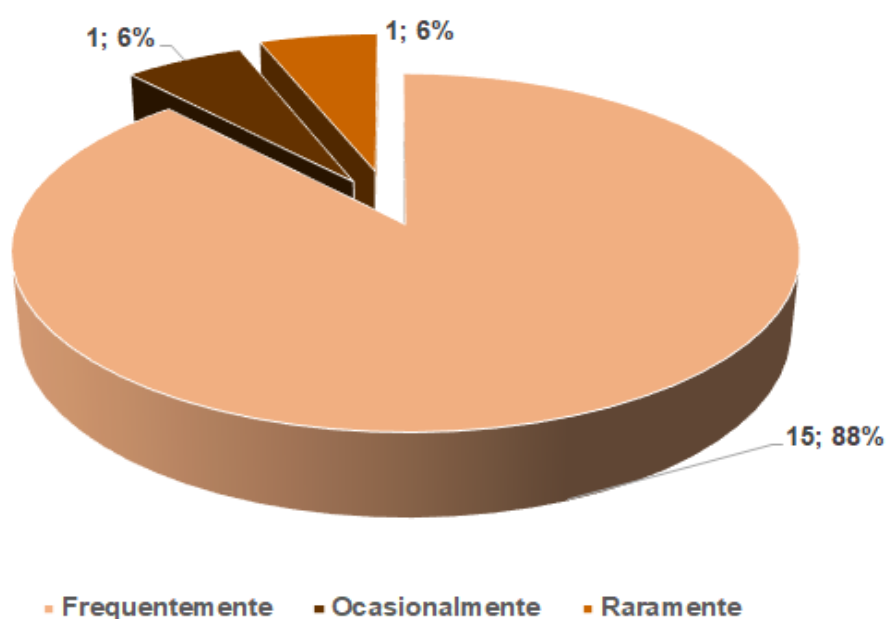
um abraço, o estar com o outro, a comemoração do aniversário de um ente querido e o almoço em família.

Tudo que acontecia naturalmente, passa a ter uma conotação e relevância bem diferente. Afinal, o **não pode** se acentuar na vida cotidiana dos adultos, causando um aumento no estado de ansiedade, proporcionando uma busca por algo além das forças, aprofundando a fé ou um relacionamento mais íntimo com um ser supremo ou divindade.

Todos buscam por um sentido para a vida e nos tempos contemporâneos de incertezas, a sensibilidade por esta busca se tornou mais visível, pois em situações limites o ser humano torna-se mais consciente do seu “Deus” inconsciente, como um bálsamo para uma alma aflita.

Acerca da segunda vertente deste estudo, quando as famílias amostradas foram questionadas sobre **ter ou não** alguma **religião** (Questão 10 – Apêndice A), 100% responderam positivamente. Dessa totalidade, como aludido no Gráfico 9, 88% é **praticante** assíduo (Questão 10.1 – Apêndice A), significando que é algo que cultiva, realiza e exercita frequentemente, traduzindo em valores que permeiam a base familiar.

Gráfico 9 – Percepção familiar referente à frequência em atos religiosos (n=17), Brasil, 2020). RU.



Dessa maneira, as pessoas conectadas com o mundo estar fisicamente no ambiente de um templo ou uma igreja ficou inviável, principalmente, com o avanço da pandemia depois de 2020. Foi necessário o cumprimento de protocolos estabelecidos para evitar a proliferação do vírus COVID-19.

Se salienta que, Barboza (2017) detectou no estudo realizado em Pernambuco, que religiosos praticavam o uso de recursos midiáticos digitais tanto para a divulgação como para a celebração de rituais. É comum, desde a virada do século XXI, o uso das mídias sociais e das transmissões ao vivo pelo *Youtube*, o que possibilita cada pessoa estar conectado de alguma forma a expressão religiosa, não importando o local, o que vale é a fé e a espiritualidade.

Com base na expressão que **o corpo fala**, se indagou **como a espiritualidade aparece no corpo humano** (Questão 11 – Apêndice A). Dentre as respostas, estão:

(F1) - “Nos dando mais vigor, ânimo, disposição, coragem, alegria, a espiritualidade reflete no corpo, mente e no espírito”.

(F2) - “Sim, nosso comportamento reflete aquilo que habita dentro de nós”.

(F3) - “Não”.

(F4) - “Da forma com que respondemos as situações que enfrentamos. Por exemplo dependendo da situação que estamos enfrentando qual a nossa reação mediante aquela dificuldade”.

(F5) - “Formas de fala e se comporta”.

(F6) - “Maneira de se portar suas vestes por exemplo”.

(F7) - “Nunca pensei sobre isso. No entanto, certas manifestações espirituais podem ocorrer no corpo, como curas físicas”.

(F6) - “O Espírito Santo nos presenteia com os frutos do Espírito e com eles nos sentimos bem fisicamente e emocionalmente também”.

(F9) - “No descanso frente aos embates do dia a dia e a batalha na mente”.

(F10) - “Não”.

(F11) - “Não”.

(F12) - “Não”.

(F13) - “Um corpo saudável, sem vícios reflete uma pessoa espiritualmente bem”.

(F14) - “Sim, desde a maneira que nos vestimos, nos portamos sem determinados lugares, até a maneira de comer tbm!”.

(F15) - “Nunca pensei”.

(F16) - “Não consigo ver desta forma como a espiritualidade aparece no corpo. Acredito que esse questionamento espera vê um corpo deformado, onde a espiritualidade se manifestará. Nunca pensei na espiritualidade dessa forma. Tudo que vejo são corpos com suas características, pensantes e atuantes da sua forma”.

(F17) - “Não”.

As famílias **3, 10, 11, 12, 13 e 17** não percebem que a espiritualidade sinaliza no corpo humano as emoções sentidas e manifestadas verbalmente. Por outra parte, a **família 15 nunca pensou** nesta possibilidade. E, a **família 7 nunca pensei sobre isso**, mas concorda com a expressão e até em curas físicas.

Mas adiante, referente ao **comportamental espiritual** (Questão 12 – Apêndice A), apenas uma família não descreveu a resposta. Dentre os apontamentos das famílias investigadas, estão:

(F1) - “Somos mais generosos, amorosos, atenciosos, pacientes, calmos, esperançosos etc.”.

(F2) - “Demonstrando o caráter de Cristo, agindo como Jesus agiria”.

(F4) - “Como reagimos as diversas situações”.

(F5) - “Pela vivencia do individuo”.

(F6) - “Seguindo o que a bíblia ordena”.

(F7) - “Deveriam ser. em todo tempo, uma vez que a espiritualidade compõe quem nós somos e, portanto como agiremos em cada situação. Assim, nosso comportamento deve por exemplo expressar paciência, amor ao próximo, alegria mesmo em meios às adversidade, confiança em Deus etc.”.

(F8) - “Nas boas ações, amando o próximo como Deus nos ensinou”.

(F9) - “Como Jesus reagiria no meu lugar?”

(F10) - “No comportamento das pessoas ao redor”.

(F11) - “Nunca refleti sobre isso”.

(F12) - “Nunca refleti sobre isso”.

(F13) - “Sim, uma pessoa equilibrada emocionalmente, com um caráter elibado, que respeita as pessoas, as regras de convívio, tende ser uma pessoa espiritualmente nem”.

(F14) - “Sim, muito!”

(F15) - “Sim”.

(F16) - “Aparece muito atuante, sempre olhando para os que não olhados”.

(F17) - “No comportamento das pessoas ao redor”.

Como defendido tanto por Barros (1987) como Walsh (2016), o comportamento espiritual são reflexos de hábitos e costumes que são transmitidos de geração para geração. É a partir da espiritualidade que os valores e os sentimentos produzem sentido na vida das pessoas e das famílias.

4.3 NOVA VIDA EM CASA COMO REFÚGIO OU CAMPO DE BATALHA

Na Parte III do questionário em que o enfoque foi a **Nova Vida em Casa como Refúgio ou Campo de Batalha**, o propósito, *a priori*, foi analisar a ótica familiar referente à **experiência do distanciamento social** (Questão 13 – Apêndice A). Aqui, está o eixo central da pesquisa relacionado com a função da espiritualidade nas famílias que enfrentam diferentes adversidades como a histórica pandemia COVID-19 que alastrou mundo afora a partir de março de 2020.

Mundialmente, as pessoas estavam diante de um inimigo invisível, um vírus e uma bomba biológica. Com a incerteza, tendo em vista que a origem a princípio não tinha sido desvendada, mas com efeitos avassaladores.

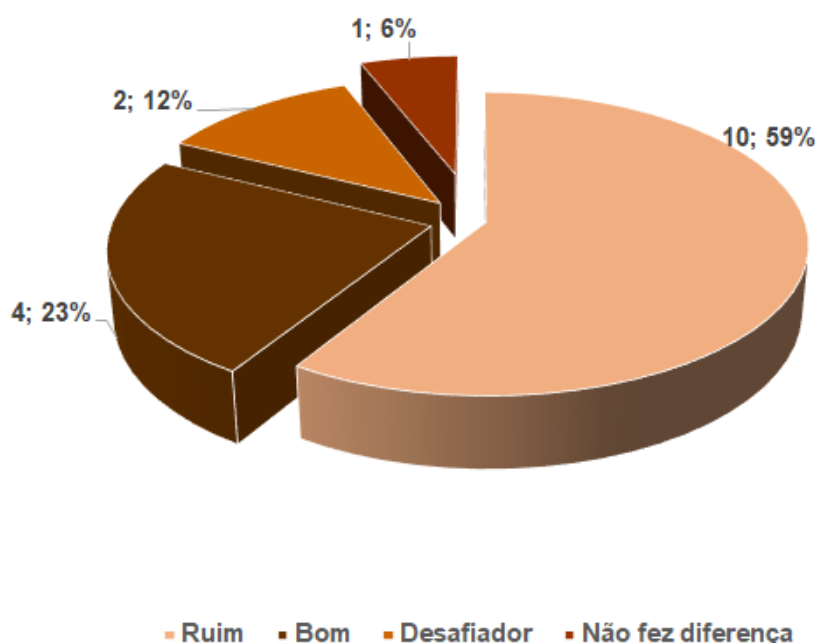
Atingiu todos os continentes numa progressão inacreditável, passando por várias mutações (cepas) conforme as características epidemiológicas da região. Com isso, as frases midiáticas eram disseminadas por todos os cantos do mundo: **quarentena, # fique em casa**. O que era apenas 14 dias, se transformou em meses e anos, aflorando um misto de sentimentos e perguntas que até então todos procuravam por respostas.

Crianças em casa, férias intermináveis, trabalho remoto, literalmente todos em cada lar. O que era um espaço para dormir e passar finais de semana se tornou realmente habitat e ali as famílias precisaram enfrentar os desafios, a convivência diária, as atividades das crianças, domésticas e laborais.

Com todos dividindo o mesmo espaço, um novo olhar precisou ser dado às questões familiares, um **novo normal** precisou ser aprendido de forma rápida e intensificada, pois o excesso de tempo juntos ressaltou as deficiências e os ajustes que seriam necessários para se viver e enfrentar o COVID-19.

Como cada fase desse processo foi um aprendizado, se destaca que 59% da amostra de famílias entendeu ter sido desafiadora a experiência que teve quanto ao distanciamento social, como verificado no Gráfico 10.

Gráfico 10 – Percepção familiar referente à experiência de distanciamento social (n=17), Brasil, 2020).



Fonte: Autora (2021).

Durante a fase de pandemia, se indagou sobre as **atividades realizadas no âmbito familiar** (Questão 14 – Apêndice A). Dentre as respostas das famílias amostradas, se percebe que a maioria continuou a trabalhar normalmente.

E de repente a vida se transforma e tudo tem um contexto diferente, quantas mudanças ocorrerem, **#ficaemcasa** foi a palavra de ordem e cada família teve que se ajustar a essa nova maneira de viver. Por uma parte, o que era um ambiente apenas dormitório, passa a ser ambiente de trabalho, escola e lazer. Enfim, as famílias tiveram que reaprender a conviver.

Por outra parte, com as empresas e as escolas fechadas, a vida passou a se ajustar em ter que ficar em casa, ajudar os filhos nas matérias, estabelecer uma rotina e ser a profissional que cumpre uma jornada de trabalho mesmo estando em casa. Então, se vê a carga de trabalho aumentar, pois a empregada também precisou ficar em casa. Agora é a atividade dos filhos, as atividades da casa e o *home office*,

Poucas foram as famílias que contestaram ter aproveitado o tempo para valorizar pequenos detalhes e até realizaram a reflexão conjunta acerca dos valores. Também foi ínfimo o número de famílias que oraram valorizando a religião e a espiritualidade.

(F1) – “Ambos trabalharam normalmente”.

(F2) – “Nós pensamos juntos nas estratégias e realizamos muitas coisas juntos”.

(F3) – “Todo mundo cozinhou rs! Mas houve divisões de tarefas e todo mundo feliz”.

(F4) – “Não paramos de trabalhar, porém eu passei a trabalhar de home work”.

(F5) – “Graças a Deus todos continuamos trabalhando, tivemos até aumento do serviço”.

(F6) – “Trabalhamos e diminuímos as relações sociais”.

(F7) – “Ambos trabalhamos em home office e ambos cuidamos de todos os aspectos da casa juntos - limpeza, cozinhar, pagar contas”.

(F8) – “Eu e meu marido continuamos trabalhando normalmente. As crianças ficaram em casa sem escola. Não mudou muita coisa dentro de casa, só os passeios e casa de parentes e amigos que não pudemos mais ir”.

(F9) – “Não paramos nos nossos trabalhos presenciais, em tempo livre aprendemos a apreciar nosso lar e tudo que temos nele”.

(F10) – “Trabalhamos e estudamos juntos”.

(F11) – “Valorizamos os pequenos detalhes dos dias em família, rezamos, subsidiamos os filhos, tivemos mas tempos juntos com o cônjuge”.

(F12) – “Valorizamos os pequenos detalhes dos dias em família, rezamos, subsidiamos os filhos, tivemos mas tempos juntos com o cônjuge”.

(F13) – “Somos 2 adultos...continuou normalmente”.

(F14) – “Nos cuidamos muito, 2: tivemos muito mais momentos em família, maos tempo de qualidade,3: ficamos sem duvida mais proximos de Deus!! ”.

(F15) – “Minha mãe trabalhou e eu e meu irmão estudamos”.

(F16) – “Todos trabalharam remotamente”.

(F17) – “Trabalhamos e estudamos juntos”.

Diante a conjuntura, Lemos, Barboza e Monzato (2020) descobriram num estudo que apesar de toda a sobrecarga, os ganhos foram muito maiores que as perdas, pois se pôde vivenciar esse tempo em família, os filhos tiveram a presença do pai e da mãe na rotina, o casal pode compartilhar a realidade e dividiram as tarefas. Mesmo nas famílias monoparentais, o ganho foi considerável, o quanto apesar do aumento das atividades, a vivência entre família ganhou, propiciada pelo *home office*. O quanto a mesa foi um lugar utilizado, almoço com a presença de todos e conversas, simplesmente um lugar terapêutico.

Em seguida, o questionamento foi sobre as possíveis **adversidades** que afloraram durante o recluso familiar (Questão 15 – Apêndice A). Sete famílias (35%) declararam não passar por adversidades durante a pandemia. Uma família (5%) respondeu vagamente com um apenas **sim**.

Para as famílias que passaram pelo sistema de *home office*, uma (5%) teve problemas em separar o trabalho das atividades do lar, o que gerou medo, ansiedade e depressão. Além de dar suporte emocional aos filhos e aos pais, já que o suporte psicológico necessita ser realizado por um profissional qualificado.

Outra família aproveitou para a higiene mental, realizando leitura. E uma até discutiu política devido ao período vivenciado durante à reclusão em casa decorrente da pandemia mundial.

(F1) – “Um problema de saúde”.

(F2) – “Sim”

(F3) – “Não tivemos”.

(F4) – “Por conta de ficar direto em casa sozinha, e o acúmulo de trabalho não conseguindo separar casa de trabalho me vi ansiosa e depressiva”.

(F5) – “Nao, levamos bem”.

(F6) – “Mais tempo de leitura”.

(F7) – “Não”.

(F8) – “Só as crianças que por conta da ausência de escola ficaram mais ociosas, mas souberam administrar bem”.

(F9) – “Entendo que não”.

(F10) – “Não”.

(F11) – “Cuidar dos psicológico dos filhos e dos pais”.

(F12) – “Cuidar dos psicológico dos filhos e dos pais”.

(F13) – “Um exagero e um pouco de medo”.

(F14) – “Sim, as vezes medo de sair de casa, não ter contato com a família como gostaríamos!”.

(F15) – “Não”.

(F16) – “So discutiamos sobre a guerra política que envolve toda essa questão”.

(F17) – “Não”.

Como **adversidades** são comuns em convívio familiar intenso, se perguntou a respeito das **estratégias** aplicadas para amenizar ou eliminar situações que fazem do lar um campo de batalha (Questão 16 – Apêndice A).

Das sete famílias que na questão anterior tinha dito que não passaram por adversidades, nesse momento, apenas cinco mantiveram a posição. Duas delas alegaram ter realizado estratégias para manter a harmonia no lar. De modo geral, parece que os sujeitos investigados não perceberam que uma questão era condizente a outra, opinando de maneira descompassada.

Apenas, um caso de depressão extremo necessitou de acompanhamento psiquiátrico. Apesar disso, entre as estratégias para aliviar ou sanar as adversidades familiares, se salienta a fé, a paciência, a conversa, os jogos, os artesanatos, o carinho, a aceitação e a compreensão. Com isso, a família se aproxima, se apoia e se respeita.

(F1) – “As mesmas que sempre usei, fiz os exames, mantive minha fé e oração em Deus”.

(F2) – “Exercitar a paciência e conversar”.

(F3) – “Nao tivemos!”.

- (F4) – “Precisei passar em uma psicóloga e posteriormente em um psiquiatra, porém meu esposo ficou o tempo ao meu lado me apoiando todo”.
- (F5) – “Mantemos a rotina normal do lar”.
- (F6) – “Conversar”.
- (F7) – “Não me recordo”.
- (F8) – “Atividades diversificadas em casa, alguns jogos e artesanatos”.
- (F9) – “Tentar nos comunicar”.
- (F10) – “Que eu me lembro não teve”.
- (F11) – “Mais escura, carinho e diversão em casa”.
- (F12) – “Mais escura, carinho e diversão em casa”.
- (F13) – “Aceitação e compreensão”.
- (F14) – “Olha, o celular sem dúvida, nos aproximamos mais dos entes queridos, e a nossa mesa sem dúvida foi nossa principal parte para que as adversidades sanassem!”.
- (F15) – “Sem adversidades”.
- (F16) – “Respeitamos as opiniões, já que todos são seres pensantes”.
- (F17) – “Que eu me lembro não teve”.

Nahas e Antunes (2020) declaram que a medida adotada para se evitar a proliferação desenfreada do COVID-19 foi o isolamento social. Cada núcleo familiar teve que se ajustar nos espaços de convivência, pois a disseminação da doença estava caótica, cada espaço passou ser compartilhado com mais frequência e até disputado em alguns momentos, reaprender a estar com o outro foi essencial.

Coube às autoridades observar a velocidade do contágio ampliar ou reduzir a circulação das pessoas nos locais públicos e até no privado, pois os encontros e as festas familiares foram suspensos para se evitar aglomerações. Dessa maneira, foram determinadas pelos órgãos governamentais: quarentena, *lockdown* e distanciamento. Palavras até então desconhecidas que viraram comuns nas conversas, haja vista que fora das casas o caos tinha sido instalado.

Na percepção de Nahas e Antunes (2020), no ambiente familiar era necessário se manter na convivência mais saudável possível. Os laços precisavam ser preservados, pais/filhos, avós/netos, tios, vínculos, afeto e manutenção da rotina, afinal não eram férias. No entanto, o quanto foi importante trabalhar cada relação

gerada nesse convívio, cada família se utilizou de alguma estratégia e os membros foram reaprendendo o valor do outro.

Diante as **adversidades** geradas durante o período de reclusão familiar no lar, outra questão discutida foi acerca das **redes de apoio da comunidade** que a família faz parte (Questão 17 – Apêndice A), como demonstrado na Tabela 1.

Tabela 1 – Percepção familiar referente às redes de apoio durante a pandemia (n=38), Brasil, 2020) - RM

| REDE | N | % |
|--------------|-----------|------------|
| Parentes | 14 | 37 |
| Amigos | 11 | 29 |
| Pastor | 8 | 21 |
| Vizinhos | 4 | 22 |
| Outros | 1 | 3 |
| Total | 38 | 100 |

Fonte: Autora (2021).

Esse processo de análise proporcionou um olhar para as questões de vivência familiar, principalmente, diante do contexto vivido em 2020 e 2021, os participantes consideraram que o distanciamento social foi um elemento desafiador, mas que os parentes foram uma grande rede de apoio (37% de n=38).

Nessa perspectiva, as respostas ao questionário demonstraram que as adversidades envolvem saúde e ajustes das crianças, que necessitou de intervenção de psicólogo, psiquiatra e a medicina com os recursos (Figura 18).

Referente às redes de apoio nesse contexto, 12 participantes responderam que os parentes fizeram essa rede, 4 responderam que os amigos e 1 contestou a figura do Pastor (Figura 20), de acordo com Feijó (1997), diz que a rede é móvel, complexa e interligada. É praticamente impossível delimitar uma rede. Sempre se trata de uma microrrede, que é parte de uma rede maior e que se liga a várias outras redes.

Sluzki (1997) declara que existe forte evidência de que uma rede social pessoal estável, sensível, ativa e confiável protege a pessoa contra doenças, atua como agente de ajuda e encaminhamento, afeta a pertinência e a rapidez da utilização de

serviços de saúde, acelera os processos de cura e aumenta a sobrevivência, ou seja, é geradora de saúde.

Em geral, o período da pandemia provocou algumas **mudanças** nas pessoas, por isso, o enfoque discutido foi se os **valores** também tinham sido impactados (Questão 18 – Apêndice A).

Apenas uma família que anteriormente tinha alegado não passado por adversidades durante a pandemia, alegou que não teve mudanças no lar. Ademais, o que mais foi ressaltado pelos investigados foi a falta de convívio com os demais familiares e amigos.

Entretanto, aprenderam a valorizar e respeitar um ao outro, bem como valorizar as pequenas coisas como o toque físico. Outra mudança salientada foi dar mais valor aos sentimentos e às pessoas do que o capital financeiro.

(F1) – “Sentimos a falta de estar com a família e os amigos”.

(F2) – “A valorização do outro”.

(F3) – “Valorizar o próximo! Dar valor a pequenas coisas e pessoas que víamos e tínhamos com frequência”.

(F4) – “Com certeza valorizar o Hoje, e quem se tem e cuidar da mente”.

(F5) – “O respeito o limite do próximo”.

(F6) – “Valorizar a presença das pessoas e o toque físico”.

(F7) – “Nenhum”.

(F8) – “Percebi que começaram a dar valor em coisas pequenas, caseiras e simples”.

(F9) – “Deus está no controle de todas as coisas!”.

(F10) – “Família e “amigos” de verdade”.

(F11) – “Meus valores ficaram mais visível nas atitudes minha e dos outros”.

(F12) – “Meus valores ficaram mais visível nas atitudes minha e dos outros”.

(F13) – “Questão do ser, estar...e não o ter”.

(F14) – “Ah com certeza a minha visão da vida, ser mais grata, saber que não temos problemas, a nossa família é que temos de melhor! Aumento da compaixão e empatia pelo próximo”.

(F15) – “Aumento da compaixão e empatia pelo próximo”.

(F16) – “So aumentou a nossa compaixão pelos que estavam em situações diversas”.

(F17) – “Família e “amigos” de verdade”.

Na ótica de Moretti, Guedes-Neta e Batista (2020), o futuro nunca foi tão falado e pensado como durante a pandemia do COVID-19. As pessoas do mundo todo sonharam, pensaram e idealizaram, se tornando o maior desejo: poder ter um futuro, pois nesse tempo que tantas pessoas poderiam ter um futuro brilhante e promissor, simplesmente não existem mais, realmente a vida passou depressa para muitos.

O medo do desconhecido, do inimigo invisível se acentuou. Não se tinha ideia do que proliferou e atingiu a população mundial de medo das incertezas que assolam a vida humana. Aqui está a mente do campo de batalhas, em que o ser humano pensa em vencer essa guerra contra a bomba biológica, procurando sempre absorver as verdades de forma coerente e que produzam valores significativos para a realidade de cada vida e família.

Nesse sentido, a última abordagem com as famílias investigadas foi quanto à **mudança de valor** em relação com a **espiritualidade** (Questão 18.1 – Apêndice A). Quatro famílias amostradas disseram que **não** aconteceu nenhuma mudança.

Entretanto, a maioria dos investigados, por um lado, afirmaram que com certeza passaram por mudanças de valor, especialmente, quanto ao valor ao próximo se colocando no lugar do outro. Por outro lado, aumentou a fé, a esperança e a resiliência.

(F1) – “Não”.

(F2) – “Sim. O valor ao próximo é um mandamento bíblico! Amar ao próximo como a ti mesmo”. Na fase da pandemia isto se tornou mais claro”.

(F4) – “Cuidar da mente que na verdade tudo começa no espiritual”.

(F5) – “Tudo, andamos na fé que tudo ira melhorar, e confiamos em Deus”.

(F6) – “Respeito ao próximo”.

(F7) – “Não”.

(F8) – “Houve um esfriamento espiritual por parte de algumas pessoas nesta pandemia, mas muitos aproveitaram para orar mais e cultuar a Deus em família.

O Senhor nos dá livre arbítrio para escolhermos, mas não podemos depois reclamar dos resultados destas escolhas”.

(F9) – “Fé e esperança”.

(F10) – “Não”.

(F11) – “Resiliência”.

(F12) – “Resiliência”.

(F13) – “Sim”.

(F14) – “Sim, Mais Amor, Compreensão e intimidade com Deus!”.

(F15) – “Deus. A confiança e a esperança nEle”.

(F16) – “CARIDADE”.

(F17) – “Não”.

Diante disso, se realiza um novo questionamento: Qual sentido da vida? O qual é direcionado para outra pergunta que sempre norteia cada ser humano: Existe uma força para além da força natural que move o ser humano para a direção de se encontrar as possibilidades da própria existência?

Scorsolini-Comin *et al.* (2020) contestam que pensar na própria existência não é o existir por existir. A fantástica corrida e a junção do espermatozoide com o óvulo, o espetáculo da vida, faz perceber a existência de uma força maior no universo que faz com que o ser humano exista.

Uma passagem bíblica muito disseminada é referente a existência que está na declaração do Rei Davi nos Salmos 139:16 “Tu me viste antes de eu ter nascido. Os dias que me deste para viver foram todos escritos no teu livro quando ainda nenhum deles existia”. Ele retrata algo além dele, a força que move em esperança diante de tanta desesperança, a força que ajuda a levantar todos os dias e acreditar que tudo passará. O novo normal, o continuar a viver mesmo em meio a dores, perdas, desilusões, pois afinal, muitos ainda vivem.

Com esse olhar os valores dos participantes mudaram, entenderam que a valorização do outro ficou em evidência, a empatia passou a ter significado para além da palavra. Mas, dos 17 participantes 4 expressaram que os valores não se referiam a espiritualidade, 3 fizeram a correlação e os demais apontaram como resiliência, fé, caridade, compaixão e Deus.

Aqui nesse contexto o entendimento se refere que apesar do falar sobre espiritualidade, as pessoas ainda não conseguem saber como traduzir o entendimento em palavras, então fica uma mistura sem ter uma definição concreta. Apesar disso, Marks (2005 *apud* WALSH, 2016) diz que espiritualidade pode ser vista melhor como uma dimensão da experiência humana. Como tal requer uma expansão da teoria dos sistemas, pesquisas e práticas para abranger influências biopsicossociais e espirituais, além da interrelação no bem-estar pessoal e relacional e no sofrimento, cura e resiliência.

Quando o enfoque é o entendimento do outro, deve-se lembrar sempre que cada pessoa terá as próprias lentes para enxergar o mundo e a percepção de cada situação. Então, a compreensão se dará por diferentes formas, tem família que percebe a espiritualidade na forma de resistência a uma situação difícil conduzindo a prática da resiliência no sentido mais amplo.

Walsh (2016) diz que resiliência é a capacidade de resistir se recuperar de desafios vitais perturbadores. Em sentido mais amplo, se refere à capacidade de superar as adversidades da vida e de manter sanidade, mesmo em meio a um ambiente insano. Outras entendem como exercício da caridade, um olhar de compaixão, algo que se aflorou neste tempo o olhar para o outro na necessidade sem julgamento.

Se verificou na mídia e nas redes sociais a mobilização das pessoas para ajudar com recursos materiais, com a disponibilidade de tempo de ir ao mercado para pessoa impossibilitada, de dizer: Precisa de alguma coisa? Se observou o quanto está na essência do ser social fazer alguma coisa pelo outro, a quarentena possibilitou a oportunidade de oferecer esse cuidado e olhar.

Falando muito sobre quem se é, seja o nome ou a forma a que se dá, ela faz parte da vida cotidiana de cada pessoa, quer seja no enfrentamento ou na vivência do dia a dia, é um recurso que cada pessoa lança mão no momento oportuno. A espiritualidade possibilita o ser humano a ser mais criativo frente às adversidades.

Outro ponto perceptível nas redes midiáticas e sociais é a criatividade, quantos grupos e artistas se reinventaram com as intermináveis *lives* para todos os gostos, desde uma oração em série por vários dias consecutivos, as novenas, se utilizavam dos mais diversos horários, madrugada, hora do almoço, quinze minutos, dez minutos, o importante é estar conectado de alguma forma e se fazer presente na vida do outro.

A pesquisadora é uma testemunha sobrevivente desse processo, uma vez que a família teve a experiência de testar positivo ao COVID-19, em momentos diferentes, mas todos vivenciaram! No momento, só se desejava sobreviver e se almejava que todos os entes queridos sobrevivessem. Então, a força em forma de espiritualidade surgiu nesse momento, em que o sentido da vida se perde diante de tantas incertezas, os movimentos mais básicos que se faz no dia a dia, neste período precisam ser calculados para verificar se tinha forças de ir ao banheiro sozinha, pois o isolamento dos demais te faz ver o quão vulnerável estava.

Com isso, era preciso calcular se teria forças e fôlego para as rotinas do dia, que eram feitas sem se importar, quando conseguisse. Um sentimento de Gratidão, pois se venceu mais uma etapa, são 14 dias mais longos da história de uma vida, pois quando acredita estar bem e que já pode avançar, o inimigo invisível se coloca de frente com a impotência. Assim, os dias foram se seguindo e a única arma que se teve para utilizar é a espiritualidade, traduzida em fé, esperança, confiança que aquela adversidade passará e todos da família sobreviverão.

São momentos de aprendizado, essa geração contará a próxima o que se viveu durante o período de pandemia, o que se aprendeu, o que se perdeu, e me reporto às questões da intergeracionalidade. De acordo com Assis (2020a), o olhar intergeracional é como um retrato em que circulam as diferentes memórias das pessoas da família, os entendimentos, lembrando que são atemporais, espaciais e com diferentes dimensões.

A família é essa construção constante, por isso, é tão dinâmica e ao mesmo tempo complexa, pois os laços são construindo geração após geração que uma conta a outra como conseguiu enfrentar as adversidades e as forças extraídas de cada um. Isso faz com que os valores do que deu certo seja passado, o reconhecimento das angústias, as necessidades supridas, a compreensão das fragilidades e a disponibilidade emocional com que cada um trouxe para o enfrentamento das adversidades, formam esse sistema.

Por fim, conforme se pode demonstrar, com a vivência da espiritualidade, entendida de diversas maneiras, possibilita às famílias a enfrentarem as adversidades.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante aos resultados, primeiramente, se caracterizou que as principais adversidades vividas pelas famílias amostradas durante a pandemia COVID-19 durante o ano de 2020 e princípio de 2021 foram a mudança de rotina, o afastamento do convívio com outros familiares e amigos, a ociosidade das crianças decorrente das aulas presenciais nas escolas e o problema de saúde, o qual necessitou do cuidado com o emocional dos filhos e dos pais.

Em seguida, se verificou que, realmente, o contexto da comunidade influencia no enfrentamento das adversidades. Afinal, quando se passa a escutar as expressões **fique em casa, distanciamento, nem pode abraçar e nem cuidar dos idosos**, se percebe que ações extremas passaram a ser adotadas.

Então, tudo que estava no convívio familiar passou a ficar distante e as pessoas começaram a descobrir verdadeiramente o que significava a palavra **saudade**. O sentimento de sentir falta de alguém, saudade de estar com os amigos, familiares, tocar nas pessoas e estar perto.

Nesse sentido, o que era possível ser feito para aplacar um pouco desse sentimento, foi experimentado. Era necessário desfrutar da melhor forma no contexto de cada um com os familiares mais próximos. Cada momento foi vivenciado para não se perder a oportunidade do encontro. Com isso, as redes sociais foram grandes parceiras para a conexão com os impossibilitados e os mais distantes. Uma rede de apoio para um momento tão desafiador.

Além disso, a respeito do momento em que a espiritualidade atua na família, os resultados deste estudo frisaram que o ser humano encontra sentido em vivenciar algo, pois sempre está em busca de um sentido para a vida. Quando se vê frente aos questionamentos ou situações se percebe limitado ou impotente, algo mais forte que a própria limitação surge, que se pode denominar como **Fé e Espiritualidade**.

Como família é um organismo vivo, em que permeiam muitas emoções e situações, a espiritualidade atua no sentido de permitir que a família reúna forças, para algo além deles e estar preparado para o enfrentamento, seja de um período de doença, desemprego, perda e isolamento social. Qualquer que seja a impotência ou a limitação humana, sempre haverá uma força superior que atuará no momento necessário, que nunca chega atrasada, mas sim, sempre estará ali acessível para o momento que precisarmos.

De modo geral, conclui-se que é no contexto do lar que o coração do homem é formado. Assim, não importa se as paredes são simples, se está localizada num lugar mais distante dos grandes centros ou se está num grande centro. O importante é a construção desse lar, onde cada integrante se sinta conectado.

Por um lado, as paredes são frias, sem vida e sem conexões. Por outro lado, um lar aquece, ajusta e projeta para os desafios. Por fim, a família é um sistema integrado e vivo, capaz de gerar inúmeras conexões e deixando o legado por meio das gerações.

Diante disso, como a família é um sistema que se move no tempo, então a cada momento muitas riquezas de detalhes sobre o funcionamento desse sistema surgirá. Por isso, se recomenda aos futuros investigadores que não percam esse olhar investigativo, entendendo que se trata de um desafio às questões familiares, mas que gerará um crescimento profissional espetacular, pois sempre se enxerga no outro. Afinal, família é um sistema de aprendizagem e o quanto ela contribui para novas pesquisas é enriquecedor.

E ainda, a maneira como cada problema ou adversidade é encarado varia conforme os aspectos culturais e os padrões de cada família. Portanto, a recomendação aos Assistentes Sociais é estarem atentos ao significado que cada família dá aos desafios, tendo como norte o próprio sistema de crenças familiar. Com isso, as estratégias de atendimento serão variadas, dependendo de cada situação. Nesse sentido, a flexibilidade, o olhar cuidadoso e a escuta ativa serão ferramentas fundamentais para essa abordagem.

REFERÊNCIAS

- AQUINO, Thiago Antonio Avellar de; OLIVEIRA, Valquíria Gonçalves de. Espiritualidade e sentido da vida no contexto da pandemia de COVID-19. **Revista Brasileira de Diálogo Ecumênico e Inter-religioso**, v. 8, n. 13, p.149-61, jul./dez. 2020.
- ARAÚJO, Andréa Cristina Marques de; GOUVEIA, Luís Borges. Uma revisão sobre os princípios da teoria geral dos sistemas. **Revista Estácio Científica** (online), n. 16, dez. 2016. Disponível em: <https://portal.estacio.br/media/3727396/uma-revis%C3%A3o-sobre-os-princ%C3%ADpios-da-teoria-geral-dos-sistemas.pdf>
Acesso em: 19 abr. 2020.
- ASSIS, Wanda Rogéria Campos Lima. **Práticas psicoterapêuticas uma trajetória poética**. Curitiba: CRV, 2020a.
- ASSIS, Wanda Rogéria Campos Lima. (Org.). **Singularidade experiências clínicas de psicoterapeutas**. Curitiba: CRV, 2020b.
- ASSIS, Wanda Rogéria Campos Lima. **O olhar do homem sobre si mesmo**. Curso de Pós-graduação *Lato Sensu* de Especialização em Intervenção Familiar: Psicoterapia e Orientação. 2020c. Notas de Aula. Universidade de Taubaté (UniTau).
- BARBOZA, José Carlos Costa Mourão. **Fenomenologia da consciência e autoconsciência em estados meditativos em praticantes religiosos e não-religiosos: a questão da mediação cognitiva**. 134 f. 2017. Programa de Pós-graduação em Psicologia Cognitiva, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Recife, 2017. Disponível em: 2020. <https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/29593/1/DISSERTA%20Jos%20Carlos%20Costa%20Mour%20Barboza.pdf>
Acesso em: 10 maio 2021.
- BARROS, Myriam Lins de. (1987). **Autoridade e afeto: filhos e netos na família brasileira**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- BOFF, Leonardo. **Espiritualidade: um caminho de transformação**. Rio de Janeiro: Sextante, 2006.
- BORGES, Carolina de Campos; MAGALHÃES, Andrea Seixas. Laços intergeracionais no contexto contemporâneo. **Estudos de Psicologia**, v. 16, n. 2, p. 171-77, ago. 2011.
- CÂMARA DOS DEPUTADOS. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Atualizada até Emenda Constitucional nº 109/2021. Disponível em: https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/legislacao/constituicao1988/arquivos/ConstituicaoTextoAtualizado_EC%20109.pdf Acesso em: 11 maio 2021.
- CAVENAGHI, Suzana; ALVES, José Eustáquio Diniz. Mulheres chefes de família no Brasil: avanços e desafios. **Escola Nacional de Seguros**. [online], n. 32, p.30-34,

2018. Disponível em: https://www.ens.edu.br/arquivos/mulheres-chefes-de-familia-no-brasil-estudo-sobre-seguro-edicao-32_1_2.pdf Acesso em: 10 maio 2021.

CERVENY, Ceneide Maria de Oliveira. **A Família como Modelo: Desconstruindo a Patologia**. 2 ed. São Paulo: Livro Pleno. 2011.

CHAROUX, Ofélia M. C. **Metodologia**. Processo de produção, registro e relato de conhecimento. Processo de produção, registro e relato do conhecimento. (2da ed.) São Paulo, Brasil: DVS, 2006.

CIPRO NETO, Pasquale. **Dicionário de Língua Portuguesa comentado pelo Professor Pasquale**. Barueri: Gold, 2009.

COSTA, Liana Fortunato. A Perspectiva Sistêmica para a Clínica da Família. **Psicologia: Teoria e Pesquisa** (on line), v. 26, n. Esp., p. 95-104, 2010. Disponível em: <http://doi.org/10.1590/50102.3772201000050008>. Acesso em: 27 mar. 2020.

DAL BELO, Laura; MARRA, Marlene Magnabosco. O fenômeno da transgeracionalidade no ciclo de vida familiar: casal com filhos pequenos. **Revista Brasileira de Psicodrama**, v. 28, n. 2, p.118-130, maio. /ago. 2020.

DEBERT, Guita Grin. A antropologia e o estudo dos grupos e das categorias de idade. In Barros, Myriam Moraes Lins de (Org.). **Velhice ou terceira idade?** Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1988. p. 49-68.

DESSEN, Maria Auxiliadora. Estudando a Família em Desenvolvimento: Desafios Conceituais e Teóricos. **Psicologia: Teoria e Pesquisa** (on line), v. 30, n. Esp., 2010, p. 202-219., 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-98932010000500010>.. Acesso em: 27 mar. 2020.

FEIJÓ, Mariane Ramos. **Rede que enrola ou rede que sustenta, um estudo sobre a importância da rede social no trabalho terapêutico com famílias**. 1997. Monografia (Especialização) – Terapia de Casal e Família, Núcleo de Família e Comunidade, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). São Paulo, 1997.

FERRARI, M.; KALOUSTIAN, Silvio Manoug. Introdução. In: KALOUSTIAN, Silvio Manoug. (Org.). **Família brasileira: a base de tudo**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2008. p. 11-5.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro, 1999.

FERREIRO, Ilda Maria; VACARRI, Vera Lúcia; ASSIS, Wanda Rogéria Campos Lima; Nota Introdutória. In: ASSIS, Wanda Rogéria Campos Lima. (Org.). **Singularidade experiências clínicas de psicoterapeutas**. Curitiba: CRV, 2020b. p. 19.

FLECK, Ana Cláudia; WAGNER, Adriana. A mulher como a principal provedora do sustento econômico familiar. **Psicologia Estudos** (online), v.8, n. E, p.31-8,

2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/pe/v8nspe/v8nesa05.pdf> Acesso em: 10 maio

GODINHO, Danilo Marques da Silva; CARVALHO, Cíntia de Sousa; JOBIM E SOUZA, Solange. Com as palavras, os jovens: religião, espiritualidade, cultura e globalização. **Protestantismo em Revista**, v. 44, n. 2, p.85-98, jul./dez. 2018.

GOMES, Lauren Beltrão *et al.* As origens do Pensamento Sistêmico: das partes para o todo. **Pensando família**, v. 18, n. 2, dez. 2014, p.3-16.

KREPPNER, Kurt. The child and the family: Interdependence in developmental pathways. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 16, n. 1, p. 11-22, 2000.

KUNZLER, Carolina de Moraes. A Teoria dos Sistemas de Acesso em: 10 maio 2021. Niklas Luhmann. **Estudos de Sociologia**, v. 9, n. 16, p. 23-136, 2004. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/estudos/article/view/146> Acesso em: 27 mar. 2020.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Técnica de pesquisa**. São Paulo, Brasil: Atlas, 1982.

_____. **Sociologia geral**. 7 ed. São Paulo: Atlas, 1999.

LEMONS, Ana Heloísa da Costa; BARBOSA, Alane De Oliveira; MONZATO, Priscila Pinheiro. Mulheres em home office durante a pandemia da COVID-19 e as configurações do conflito trabalho-família. **Revista de Administração de Empresas (RAE)**, v. 60, n. 6, p. 388-99, dez. 2020.

MCDANIEL, CARL D.; GATES, ROGER. **Pesquisa de marketing**. (Trad. James F. S. Cook). São Paulo, Brasil: Pioneira Thomson, 2004.

MAGALHÃES, Dirceu Nogueira. **O Anel Mágico: o repasse entre as gerações**. Rio de Janeiro: Razão Cultural, 2000.

MARCOPLAN. São José dos Campos é considerada a 5ª melhor cidade do Brasil para se viver. Divulgado em: 11 fev. 2021. Disponível em: <https://sjc.com.br/2021/02/11/sao-jose-dos-campos-e-a-quinta-melhor-cidade-do-brasil-para-se-viver/#:~:text=Contato-,S%C3%A3o%20Jos%C3%A9%20dos%20Campos%20%C3%A9%20a%20quinta,d%20Brasil%20para%20se%20viver&text=Segundo%20levantamento%20feito%20pela%20consultoria,para%20se%20viver%20no%20Brasil> Acesso em: 10 maio 2021.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. Rio de Janeiro: Hucitec, 1992.

_____. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza. (Org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001. Cap. 1. p. 9-30.

MORIN, Edgar. **Introdução ao Pensamento Complexo**. Trad. Eliane Lisboa. Porto Alegre: Ed. Sulina, 2005.

MORIN, Edgard. **O método: a natureza da natureza**. Lisboa. Publicações Europa-América, 1977.

MORETTI, Sarah de Almeida; GUEDES-NETA, Maria de Lourdes; BATISTA, Eraldo Carlos. Nossas Vidas em Meio à Pandemia da COVID-19: Incertezas e Medos Sociais. **Revista de Enfermagem e Saúde Coletiva**, v. 4, n. 3, p.32-41, 2020.

NAHAS, Luciana Faísca; ANTUNES, Ana Paula de Oliveira. Pandemia, fraternidade e família: a convivência e a importância da manutenção dos laços familiares. **Repositório Digital do Centro Universitário Tabosa de Almeida (ASCES)**. [online], p.149-58, 2020. Disponível em: <http://repositorio.asc.es.edu.br/bitstream/123456789/2619/3/978-65-88213-03-2%20%20151-166.pdf> Acesso em: 10 maio 2021.

NICHOLS, Michael P.; SCHWARTZ, Richard C. Terapia familiar. Conceitos e métodos (7a ed.). Trad. Maria Adriana Veríssimo Veronese. Porto Alegre: Artes Médicas (ArtMed), 2007.

OLIVEIRA, Silvio Luiz de. **Tratado de metodologia científica**. Projetos de pesquisas, TGI, TCC, monografias, dissertações e teses. São Paulo, Brasil: Pioneira, 2004.

PETZOLD, Mario. The Psychological definition of “the family”. CUSINATO, Mario (Org.). **Research Family: Resources and needs across the world**. Milão: LED, 1996. p. 25-44.

RAMOS, Marisel R. V. *et al.* Medidas de salud pública no farmacológicas recomendadas por la OPS en el contexto COVID-19. **Llamkasun Revista de Investigación Científica y Tecnológica**, v. 2, n. 2, p. 38-53, jun. 2021.

SANTOS, Tânia Cristina Simões de Matos dos *et al.* Impacto da vida na evolução profissional das mulheres. **Secretariado: Transições e Conexões** (online), p.147-54, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/pe/v8nspe/v8nesa05.pdf> Acesso em: 10 maio 2021.

SCORSOLINI-COMIN, Fábio *et al.* A Religiosidade/Espiritualidade como Recurso no Enfrentamento da COVID-19. **Revista de Enfermagem do Centro Oeste Mineiro (RECOM)** [on line], n. 10, 2020. Disponível em: <http://seer.ufsj.edu.br/index.php/recom/article/view/3723/2459> Acesso em: 11 maio 2021.

SLUZKI, Carlos E. **A rede social na prática sistêmica**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997

STAIR, Ralph M.; REYNOLDS, George W. **Princípios de Sistemas de Informação**. São Paulo: Cengage Learning. 2011.

VASCONCELLOS, Maria José Esteves. **Pensamento Sistêmico: o novo Paradigma da Ciência**. 9 ed. Campinas: Papyrus, 2012.

VON BERTALANFFY, Ludwig. **Teoria Geral dos Sistemas**. Petrópolis: Vozes, 1977.

WALSH, Froma. **Processos Normativos da família: diversidade e complexidade**. 4 ed. Trad. Sandra Maria Mahlmann da Rosa. Porto Alegre: Artes Médicas (ArtMed), 2016.

GLOSSÁRIO

Construtivismo ou Visão Construtivista – Observador como parte do fenômeno que observa.

COVID-19 – Infecção respiratória aguda causada pelo coronavírus SARS-CoV-2. Os **coronavírus** são uma grande família viral, conhecidos desde a década de 1960 que afeta, principalmente, a capacidade pulmonar. A enfermidade foi nomeada como **COVID-19** porque **Co** significa **corona**, **Vi** é proveniente de **vírus** e **D** representa **doença**. O número **19** indica o ano da aparição que foi em **2019**.

Deoxyribonucleic Acid – Ácido Desoxirribonucleico.

Feedback – Resultados das ações.

Homeostase – Volta tudo para regulação.

Inputs – Informações.

Morfostático – Mudança de 1 ordem.

Morfogenético – Mudança de 2 ordens.

Retroação – Consequente autorregulação.

Retroação positiva ou retroação amplificadora de desvios – Ampliação caso não produza a destruição do sistema e se a estrutura dele permitir.

Spiritualitate – Espiritualidade.

Spiritus – Espírito.

SARS-CoV-2 – Beta coronavírus descoberto em amostras de lavado bronco alveolar obtidas de pacientes com pneumonia.

PARTE II
VOCÊ, FAMÍLIA E VALORES

7. A família considera importante compartilhar valores?

- sim
- não
- talvez

7.1 Se a resposta for sim, quais valores?

8. Como você ou sua família diferenciam religião e espiritualidade?

9. Família considera a espiritualidade um valor importante?

- sim
- não
- talvez

9.1 Se a resposta for sim, como a espiritualidade é vivenciada na família?

10. A família tem alguma religião?

- sim
- não

10.1 A família é praticante?

- frequentemente
- ocasionalmente
- raramente

11. As teorias dizem que o corpo fala, baseada nesta citação como a espiritualidade aparece no corpo, você já prestou atenção nisso?

12. E nas ações/comportamentos como a espiritualidade aparece?

PARTE III
UMA NOVA VIDA DENTRO DE CASA OU REFÚGIO OU CAMPO DE BATALHA

13. Como foi enfrentar o distanciamento social?

- bom
- ruim
- não fez diferença
- desafiador

14. Dentro da sua composição familiar, quem fez o que nessa fase de pandemia?

15. Surgiu alguma adversidade nesse contexto? Se surgiu qual foi?

16. Qual ou quais estratégias utilizaram no enfrentamento das adversidades?

17. Quais são as redes de apoio que sua família utilizou na comunidade que está inserida?

- parentes
- amigos
- vizinhos
- padre
- pastor
- outros / qual?

18. O que mudou de valores na pandemia?

18.1 Tem algum valor que se refere a espiritualidade?

ANEXO A – PROTOCOLO DE SUBMISSÃO DO PROJETO DE PESQUISA NA PLATAFORMA BRASIL

SELMA LEITE DE CARVALHO - Pesquisador | V3.2
 Sua sessão expira em: 38min 11

Cadastrados

DETALHAR PROJETO DE PESQUISA

— DADOS DA VERSÃO DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: O PAPEL DA ESPIRITUALIDADE E DOS RECURSOS ESPÍRITUAIS DE FAMILIAS NO ENFRENTAMENTO DAS DIFERENTES ADVERSIDADES
Pesquisador Responsável: SELMA LEITE DE CARVALHO
Área Temática:
Versão: 2
CAAE: 40639620.1.0000.5501
Submetido em: 12/01/2021
Instituição Proponente: Departamento de Psicologia
Situação da Versão do Projeto: Aprovado
Localização atual da Versão do Projeto: Pesquisador Responsável
Patrocinador Principal: Financiamento Próprio



Comprovante de Receção: FB_COMPROVANTE_RECEPCAO_1651550

— LISTA DE PESQUISADORES DO PROJETO

| CPF/Documento ^ | Nome ^ | Atribuição | E-mail ^ | Curriculo | Tipo de Análise ^ | Ação |
|-----------------|-------------------------|--|-------------------------------|---|-------------------|------|
| 138.423.538-80 | SELMA LEITE DE CARVALHO | Contato Científico, Contato Público, Pesquisador principal | mulhercomprometida@uoi.com.br | Lattes CV | PROPONENTE | |

— LISTA DE COMITÊS DE ÉTICA DO PROJETO

| Comitê de Ética ^ | Tipo de Vínculo ^ | Ação |
|---|-------------------|------|
| 5501 - UNITAU - Universidade de Taubaté | COORDENADOR | |

— LISTA DE INSTITUIÇÕES DO PROJETO

| CNPJ da Instituição ^ | Razão Social ^ | Tipo de Instituição ^ | Comitê de Ética ^ | Ação |
|-----------------------|----------------------------|-----------------------|---|------|
| | Departamento de Psicologia | PROPONENTE | 5501 - UNITAU - Universidade de Taubaté | |

— LISTA DE PROJETOS RELACIONADOS

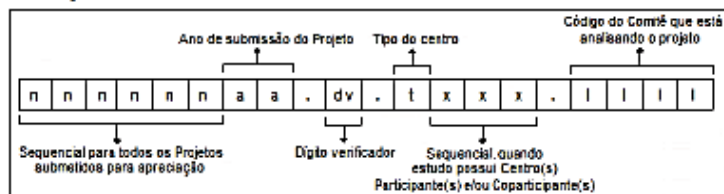
| Tipo ^ | CAAE ^ | Versão ^ | Pesquisador Responsável ^ | Comitê de Ética ^ | Instituição ^ | Origem ^ | Última Avaliação ^ | Situação ^ | Ação |
|--------|----------------------|----------|---------------------------|---|----------------------------|----------|--------------------|------------|------|
| P | 40639620.1.0000.5501 | 2 | SELMA LEITE DE CARVALHO | 5501 - UNITAU - Universidade de Taubaté | Departamento de Psicologia | PD | PD | Aprovado | |

LEGENDA:

(*) Tipo

P = Projeto de Centro Coordenador Pp = Projeto de Centro Participante Pc = Projeto de Centro Coparticipante

(*) Formação do CAAE

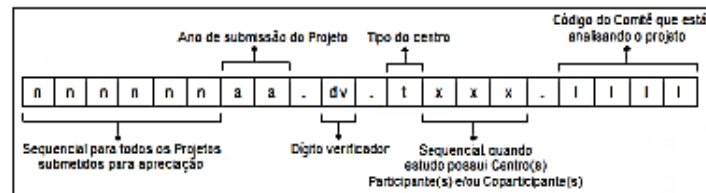


(*) Origem / Última Avaliação

| | | |
|---|---|---|
| PO = Projeto Original de Centro Coordenador | POp = Projeto Original de Centro Participante | POc = Projeto Original de Centro Coparticipante |
| E = Emenda de Centro Coordenador | Ep = Emenda de Centro Participante | Ec = Emenda de Centro Coparticipante |
| N = Notificação de Centro Coordenador | Np = Notificação de Centro Participante | Nc = Notificação de Centro Coparticipante |

LEGENDA:**(*) Apreciação**

| | | |
|---|---|---|
| PO = Projeto Original de Centro Coordenador | POp = Projeto Original de Centro Participante | POc = Projeto Original de Centro Coparticipante |
| E = Emenda de Centro Coordenador | Ep = Emenda de Centro Participante | Ec = Emenda de Centro Coparticipante |
| N = Notificação de Centro Coordenador | Np = Notificação de Centro Participante | Nc = Notificação de Centro Coparticipante |

(*) Formação do CAAE
[Voltar](#)

Suporte a sistemas: 136 - opção 8 e opção 3, solicitar ao atendente suporte Plataforma Brasil.
 Fale conosco: Clique para enviar mensagem para a Plataforma Brasil